

RÔMULO, O GRANDE

Fridrich Dürrenmat

Tradução de Rainer Buehmann -FAFI - São Leopoldo

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PERSONAGENS:

- 1-Rômulo Augusto : Imperador de Roma Ocidental
- 2-Júlia : Sua mulher
- 3-Rea : Sua filha
- 4-Zeno, o Isáurico : Imperador de Roma Oriental
- 5-Emiliano : Patrício romano
- 6-Mares : Ministro da Guerra
- 7-Túlio Rotundo . : Ministro do Interior
- 8-Espúrio Tito Mama: Prefeito de Cavalaria
- 9-Aquiles : Camareiro
- 10-Píramo : camareiro
- 11-Apoliã : Negociante de objetos artísticos
- 12-César Rupf : Industrial
- 13-Filax : Ator
- 14-Odoacro : Príncipe dos germanos
- 15-Teodorico : Seu sobrinho
- 16- Fosfórides : Camareiro
- 17-Sulfúrides : Camareiro
- 18-Um cozinheiro, Serventes , Germanos



S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para

TABARA

e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, quando do pagamento prévio dos direitos autorais.

P. Alegre, 11 de Setembro de 1969

Referida

S. B. A. T.

TEMPO: manhã do dia 15 de março até a manhã do dia 16 de março do ano de 476 depois de Cristo.

LUGAR: Palácio do Imperador Rômulo em Campânia

"A grande arte de ter os desvios pequenos da verdade mesma, sobre a qual está construído todo o cálculo diferencial é, ao mesmo tempo, a base dos nossos pensamentos chistosos, aonde muitas vezes o todo haveria de cair, se tomássemos êstes desvios numa severidade filosófica"

LICHTENBERG.

.....

1º A T O

(Estamos no ano 476, quando numa manhã cedinho o Prefeito Espúrio Tito Mama alcança, montado num cavalo moribundo, a casa real de verão na Campânia, onde sua Majestade também habita durante o inverno.

Salta do cavalo, sujo, vagaroso, o braço esquerdo numa tipóia suja de sangue, tropeça, espanta uma enorme revoada de galinhas cacarejantes. Não encontrando ninguém, corre através do palácio, encontrando finalmente, no gabinete de trabalho do Imperador. A primeira vista, tudo lhe parece vazio e deserto. Apenas algumas cadeiras meio quebradas, nas paredes os venerados bustos dos homens de Estado, pensadores e poetas da história romana. Todos com cara de exagerada seriedade.

ESPÚRIO TITO MAMA: -Ei! Psiu! Por favor!

(Silêncio. Mas, finalmente, o Prefeito percebe de ambos os lados da porta, em meio dos bastidores (fundo), dois velhíssimos camareiros, imóveis como estátuas. Píramo e Aquiles, camareiros a muitíssimos anos a serviço

IMPEDIMENTO
ATE 14 ANOS



viço dos Imperadores. O Prefeito os olha perpêexo, preso pela venerável aparição).

ESPÚRIO TITO MAMA: -Ei, Psiu! Por favor!

PÍRAMO :-Silêncio, jovem senhor!

AQUILES :- Quem sois vós?

ESPÚRIO TITO MAMA:-Espúrio Tito Mama, Prefeito da Cavalaria.

PÍRAMO :-Que quereis vós ?

ESPÚRIO TITO MAMA:-Falar com o Imperador.

AQUILES : -Anunciado?

ESPÚRIO TITO MAMA:-Não há tempo para formalidades. A notícia que trago é muito urgente. Vamos depressa!
(Os dois camareiros fitam-se pensativamente).

PÍRAMO :-O senhor perfeito deveria saber que na côrte do Imperador romano nada é urgente .Isso é má educação.
(Aquiles sacode a cabeça).

ESPÚRIO TITO MAMA:-Trago uma notícia terrível de Pavia!

PÍRAMO :-Notícia terrível de Pavia.

AQUILES :-Pavia é uma cidade insignificante demais para que a notícia pudesse realmente ser tão terrível.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Está ruindo o Império Mundial de Roma!
(Está perplexo com a tranquilidade dos dois).

PÍRAMO :-Impossível. (Aquiles sacode novamente a cabeça)

AQUILES: -Um empreendimento tão grandioso como o Império Romano não pode ruir assim, sem mais nem menos.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Os germanos vêm!

AQUILES :-Estes já vêm há 500 anos, Espúrio Tito Mama. (O Prefeito agarra Aquiles e o sacode como a uma coluna solta).

ESPÚRIO TITO MAMA:-É meu dever pátrio falar com o Imperador, imediatamente!

AQUILES:- Achamos que um patriotismo não é desejado quando está em contraste com uma boa educação.

PÍRAMO: -Um conselho, jovem senhor. Dirija-se ao mordomo-mor e inscreva-se, procure junto do Ministro do Interior o seu deferimento e, talvez, possa o senhor anunciar pessoalmente ao Imperador a sua mensagem no decorrer dos próximos dias.

ESPÚRIO TITO MAMA:- E onde se encontra o mordomo-mor ?

PÍRAMO :-Ah! A mão direita, no dobrar a esquina, a terceira porta esquerda. Não se engane!

ESPÚRIO TITO MAMA:- E o Ministro do Interior?

PÍRAMO :-A sétima porta à direita.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Para ser anunciado nos próximos dias.

AQUILES :- Não. No decorrer das próximas semanas.

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



ESPÚRIO TITO MAMA: - Pobre infeliz Roma! Cair por causa de dois camareiros imbecis! (Desesperado sai correndo pela esquerda a fora. Os dois se petrificam novamente).

AQUILES: - Amigo Píramo, comove-me profundamente como degeneram os costumes à medida que avança o século V.

PÍRAMO: - É certo, Aquiles, mas quem não compreende nossa missão cavará a tumba de Roma. Tal é o caso desse mocinho que acaba de escapar sem nenhuma educação. (Pela porta, entra dois camareiros, surge o Imperador Rômulo Augusto. Toga purpurada, na cabeça uma coroa áurea de louros. Sua majestade conta mais de 50 anos. É quieto, claro, está a vontade).

PÍRAMO E AQUILES: - Salve, César!

RÔMULO: - Salve! Estamos hoje nos idos de março?

AQUILES: - As ordens, Senhor Imperador, os idos de março. (Inclina-se)

RÔMULO: - Uma data histórica. Segundo a lei, nesse dia, os funcionários e empregados de meu Império devem ser remunerados. É uma vela superstição. Para impedir o assassinato do Imperador... Chamem o Ministro das Finanças. (Aquiles cochicha-lhe algo ao ouvido).

RÔMULO: - Fugiu?

PÍRAMO: - Com a caixa do Estado, Senhor Imperador.

RÔMULO: - Por quê? Imagina! Não havia nada dentro...

AQUILES: - Ele espera dessa maneira encobrir a bancarrota das finanças do Estado.

RÔMULO: - Um homem inteligente! Quem quer ocultar um grande escândalo deve encenar um pequeno. Seja-lhe consedido o título de "Salvador da Pátria". Onde se encontra êle agora?

AQUILES: - Empregou-se como procurador numa firma esportadora de vinho em Siraco.

RÔMULO: - Esperamos que êsse funcionário fiel consiga refazer-se no comércio burguês dos prejuizos que os serviços do Estado lhe deu. (Toma a coroa de louros da cabeça, quebra duas fôlhas, entregando-as aos dois.) Tomai!

RÔMULO: - Que cada uma dessas fôlhas de ouro da coroa de louros seja convertida em sestércios. Devolvam-me o trôco, depois de descontada a dívida. Ainda deveria pagar com isso o meu cozinheiro, o homem mais importante de meu Império.

PÍRAMO E AQUILES: - As vossas augustas ordens serão cumpridas. Sr Imperador!

RÔMULO: - Na tomada de posse de meu govêrno havia 36 fôlhas nesta coroa de ouro, símbolo do poder Imperial. Agora, sômente restam cinco. (Contempla pensativamente sua coroa e põe na cabeça).

RÔMULO: - É de se ver. Minha comida da manhã! Vamos, depressa, que tenho fome!

PÍRAMO: - O desjejum, não é verdade?

RÔMULO: - Eu disse: a comida da manhã. Falo latim clássico, estou em minha casa. Augusto não botou ovo?



PÍRAMO: -Nada, Senhor Imperador.

RÔMULO: -Tibério?

PÍRAMO: -Os Júlios, nada!

RÔMULO: -Os Flávios ?

PÍRAMO: -Dominciano. Mas dêle Vossa Majestade se recusa...

RÔMULO: -Dominciano foi um Imperador ruim. Podes botar quantos ovos quiser, não os comerei.

PÍRAMO: - Às ordens, Senhor Imperador. (Sua Majestade toma uma colherzinha. Come o ôvo).

RÔMULO: -De quem é êsse ôvo?

PÍRAMO: : Como de costume de Marco Aurélio.

RÔMULO: -É uma galinha valente. Os outros imoeradores não prestam. Alguém mais pôs um ôvo?

PÍRAMO: -Odoacro. (Está um pouco envergonhado)

RÔMULO: -Veja.

PÍRAMO: -Dois ovos.

RÔMULO: -Fantástico! Da galinha que leva o meu nome não sabes nada?

PÍRAMO: -É o animal mais nobre e capaz que possuímos: uma produção fina da criação romana de aves.

RÔMULO: -Já põe ôvo êsse nobre animal? (Píramo lança um olhar a Aquiles, buscando auxílio).

AQ UILES: -Quase?

RÔMULO: -Quase? Que significa isso? Uma galinha ou põe ovos ou não põe.

PÍRAMO: -Ainda não põe, Senhor Imperador.
(Sua Majestade faz um gesto decidido com a mão).

RÔMULO: -Quem não presta, só pode ser útil na panela. Futuramente gostaria de encontrar os ovos da galinha Odoacro na mesa da manhã. Ela atraiu minha simpatia. Deve tratar-se de um admirável talento. É preciso tirar dos germanos aq uilo que trazem de bom, já que se aproximam inevitavelmente. (Pela esquerda, o Ministro do Interior, Túlio Rotundo, entra precipitadamente, pálido como a morte).

TÚLIO ROTUNDO: -Majestade!

RÔMULO: -Que queres de teu Imperador, Túlio Rotundo?

TÚLIO ROTUNDO: -É espantoso. É pavoroso!

RÔMULO: -Eu sei, pezado Ministro do Interior. Há dois anos não te paguei o salário e hoje, quando deveria fazê-lo, o Ministro das Finanças sa-fou-se com o cofre imperial.

TÚLIO ROTUNDO: -Nossa situação é tão trágica que já ninguém pensa em dinheiro, meu Imperador. (Sua Majestsde bebe o leite).

RÔMULO: -Então tive sorte.

TÚLIO ROTUNDO: -O prefeito Espúrio Tito Mama galopou durante d... e



dias e duas noites para trazer a notícia de Pavia a Vossa Majestade...

RÔMULO:—Dois dias e duas noites? Que barbaridade! Que seja armado cavaleiro por êsse magnífico alarde esportivo.

TÚLIO ROTUNDO:—Apresento-lhe imediatamente o cavaleiro Espúrio Tito Mama a Vossa Majestade.

RÔMULO:—Será que êle não está cansado, Ministro do Interior?

TÚLIO ROTUNDO:—Está a ponto de ter um colapso. Melhor âizendo dois: um físico, outro psíquico.

RÔMULO:—Pobre infeliz, conduze-o, então, para o mais tranqüilo aposento de hospedes da minha casa, Túlio Rotundo. Os esportistas também precisam dormir. (O Ministro hesita).

TÚLIO ROTUNDO:Mas, a comunicação Majestade!

RÔMULO:—Certo. Mesmo a mais terrível comunicação soa agradavelmente da bôca de um homem que tenha tomado banho, feito a barba e que tenha comido bem. Que venha amanhã.
(O Ministro fica perplexo).

TÚLIO ROTUNDO:—Majestade, trata-se de uma notícia de abalar o mundo!

RÔMULO:—Nenhuma notícia pode abalar o mundo. Isso fazem os fatos, mas, desgraçadamente, nós não os podemos mudar, pois êles já aconteceram quando se tornam notícia. E elas não servem senão para nos por nervosos, o que é mau para a saúde. Portanto, Túlio Rotundo, o melhor é não escutar notícias. (Túlio Rotundo se inclina, confuso, e sai pela esquerda. Píramo traz um assado de novilho e o coloca diante de Rômulo).

AQUILES:—Apolião, o negociante de objetos artísticos (o negociante entra pela esquerda, elegante, em trajes gregos).

APOLIÃO:— Majestade!

RÔMULO:—Esperei por ti durante três semanas, Apolião.

APOLIÃO:—Perdão, Majestade, estive em Alexandria, num leilão.

RÔMULO:— Mas Apolião, é possível que tenhas ido a um vulgar leilão na Alexandria no momento em que podes assistir à liquidação total do Império Romano do Ocidente?!

APOLIÃO:— Negócios, Majestade! Negócios!

RÔMULO:— E daí? Não estavas satisfeito com os bustos que vendi ? Especialmente Cícero, uma peça valiosa...

APOLIÃO:—Um caso especial. Pude enviar 500 cópias a gêsse para os centros culturais que agora se fundam nas selvas da Germânia.

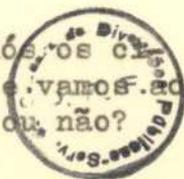
RÔMULO:—Por amor de Deus, Apolião, a Germânia será civilizada?

APOLIÃO:—Se os Germanos civilizarem sua nação, não irão mais invadir o Império Romano.

(Sua Majestade corta o assado)

RÔMULO:—Quando os germanos chegarem à Itália, ou à Gália, nós os civilizaremos. Enfim, deixemos estas coisas intrascendentes e vamos ao que é mais importante. Queres comprar os bustos restantes ou não?
(O negociante olha ao redor).

APOLIÃO:—Preciso examiná-los ainda, detalhadamente, Majestade. Em al-



guns, o estilo me parece duvidoso.

RÔMULO: -Cada busto tem o estilo que merece. Aquiles, dá ao Apolião uma escada. (Aquiles alcança-lhe uma escadinha e o grego sobe a examinar os bustos. Sobe, desce, empurra a escadinha, enquanto segue o seguinte. Pela direita, entra a Imperatriz Júlia).

JÚLIA: -Rômulo!

RÔMULO: -Querida espôsa!

JÚLIA: -Oh! Nem agora deixas de comer?! (ê ele depõe garfo e faca).

RÔMULO: - Então? É claro, se tenho fome, que queres que eu faça?

JÚLIA: - Estou muito preocupada, Rômulo. O mordomo-mor me deu a entender que chegou uma notícia terrível. Não confio lá tanto em Ébio, pois êle é um germano.

RÔMULO: -Ébio é o único homem que sabe falar corretamente os cinco idiomas universais modernos: latim, grego, hebraico, germânico e chinês e, francamente, para mim, o germano e o chinês são uma e a mesma coisa. Seja como fôr, a cultura de Ébio é tanta que não há romano que lhe possa ombrear.

JÚLIA: -Tu és um grande germanófilo, Rômulo.

RÔMULO: - Bobagem! Na realidade, querida Júlia, o que eu prefiro são as minhas maravilhosas galinhas. Jamais as germanas se poderão comparar com elas. Faz pouco, adquiri um galo...

JÚLIA: - Rômulo, por favor!

RÔMULO: -Píramo, traga os talheres de minha mulher e o primeiro ôvo de Odoacro. Tu verás é uma beleza!

JÚLIA: -Peço-te que penses em meu coração adoentado.

RÔMULO: -Por isso, senta-te e come. (ela senta, gemendo).

JÚLIA: -Queres, afinal, contar-me a triste notícia?

RÔMULO: -Não a conheço. O estafeta que a trouxe está dormindo.

JÚLIA: -Desperta-o, Rômulo!

RÔMULO: -Pensa no teu coração...

JÚLIA: -Como mãe da Pátria exijo...

RÔMULO: -Alto! Como pai da Pátria ou, talvez, seja o último Imperador de Roma. Já tomo, por êsse motivo, uma posição meio desesperada na História Universal. De qualquer forma, não me sairei bem. Somente uma glória não permitirei que me roubem: não deverão poder deixar de mim a impressão de que eu, alguma vez, tenha estorvado, inútilmente, o sono de um homem. (da direita vem Rea).

REA: -Bom dia, pai.

RÔMULO: -Bom dia, minha filha.

REA: -Dormiu bem?

RÔMULO: -Desde que sou Imperador, durmo sempre bem. (Rea senta-se à mesa, do lado direito).

RÔMULO: -Píramo, traga os talheres e o segundo ôvo de Odoacro

REA: -Oh! Odoacro botou o segundo ôvo?



RÔMULO: - Um germano assim põe sempre. É a melhor galinha do Imério. Queres presunto?

REA : - Não

RÔMULO: - Um assado frio de rês?

REA : - Não.

RÔMULO: - Um peixinho?

REA : - Também não.

RÔMULO: - Vinho de espargo? (Franze a testa)

REA : - Não, pai.

RÔMULO: - Desde que tomas lições de drama com o ator Filax, não tens muito apetite. O que é que estás estudando?

REA : - A lamentação de Antígona, antes de ela ir para a morte.

RÔMULO: - Não estudes êstes textos velhos e tristes! Exercita-te na comédia. Isto nos convém mais. (a imperatriz se irrita)

JÚLIA : - Rômulo, tu sabes muito bem que isto não condiz a uma denzela cujo noivo languidesce faz três anos no cativeiro dos germanos. Se impõe a tragédia, é mais apropriado.

RÔMULO: - Calma, mulher! Quem está nos últimos momentos, como nós sòmente pode entender comédias.

AQUILES: - O Ministro da Guerra, Mares, pede para falar com Vossa Majestade. É urgente.

RÔMULO: - É o que faltava! Justamente agora, quando falo de literatura, o Ministro da Guerra se anuncia... Que venha após a refeição da manhã.

JÚLIA: : Aquiles, comunique ao Ministro da Guerra que a família imperial se alegra em vê-lo.

(Aquiles se inclina, sai pela esquerda. Rômulo limpa a bôca com o guar danapo)

RÔMULO: - Minha senhora estás exageradamente marcial.
(O Ministro vem pela esquerda, inclina-se).

MARES: - Majestade!

RÔMULO: - É notável hoje a palidez dos meus funcionários da côrte. O que desejas Mares?

MARES: - Como Ministro responsável pelo andamento de guerra contra os germanos, devo exigir a Vossa Majestade receber, imediatamente, Espúrio Tito Mama.

RÔMULO: - Mas o esportista já acordou?

MARES: - É indigno de um soldado dormir quando sabe que se Imperador está em grave apuro, Ainda está desperto.

RÔMULO: - A consciência do dever de meus oficiais está me enchendo o sacco aos poucos. (a Imperatriz ergue-se).

JÚLIA: - Rômulo!

RÔMULO: - Sim, querida ?

JÚLIA : - Recebe imediatamente a Espúrio Tito Mama!



(Píramo sussurra algo no ouvido do Imperador).

RÔMULO: -Isso é desnecessário, Júlia. Já sei tudo. Píramo acaba de me dizer que Odoacro botou o terceiro ovo.

JÚLIA: -Teu Império cambaleia, teus soldados se sacrificam, e tu não fazes mais que falar incessantemente nos teus plumíferos.

RÔMULO: -Que absurdo! Não existiria uma perfeita harmonia universal se o terceiro ovo da galinha Odoacro não correspondesse à tomada de Pavia pelo Príncipe dos Germanos.

REA : -Mas papai!

JÚLIA: -Isto não é verdade! (Mares toma posição).

MARES: -Infelizmente é a verdade, Majestade. Pavia caiu. Roma sofreu a mais amarga derrota de sua história. O prefeito trouxe as últimas palavras do General Orestes que caiu prisioneiro dos germanos com toda sua tropa.

RÔMULO: -Conheço as últimas palavras dos meus generais antes que caíam prisioneiros dos germanos. Dizem sempre: "Resistiremos até verter a última gota de sangue". Todos dizem a mesma coisa, Ministro. Avise ao prefeito de montaria que se deite, finalmente, para dormir. (Mares inclina-se mudo e sai pela esquerda).

JÚLIA: -Deves fazer algo, Rômulo! Deves fazer imediatamente algo, do contrário estamos perdidos!

RÔMULO: -Hoje de tarde farei uma proclamação aos meus soldados.

JÚLIA: -Tuas legiões passaram até o último homem para o lado dos germanos.

RÔMULO: -Bem... Farei, então, uma comunicação pública sobre minha saúde.

JÚLIA: -Isso de nada adianta!

RÔMULO: -Tu não podes exigir que eu faça mais do que governar, querida senhora! (Apolião desceu da escada, aproximou-se do Imperador e mostrou-lhe um busto).

APOLIÃO: -Para este Ovídio ofereço três moedas de ouro, Majestade!

RÔMULO: -Quatro. Ovídio foi um grande poeta.

JÚLIA : -Que homem é este, Rômulo?

RÔMULO: -É um negociante de objetos artísticos, Apolião de Siraco, ao qual vendo os meus bustos.

JÚLIA: -Mas tu não podes, de modo algum, desperdiçar os grandes poetas, pensadores e homens de Estado do glorioso passado de Roma!

RÔMULO: -Estamos em liquidação.

JÚLIA: -Lembra-te de que esses bustos são os únicos que meu pai Valentiniano te legou.

RÔMULO: -Tu também fazes parte da coleção querida.

REA : - Simplesmente, não aguento mais! (levanta-se)

JÚLIA: -Rea!

REA : - Vou estudar Antígona! (Sai pela direita)

JÚLIA: -Vê? Nem tua filha te entende mais!



RÔMULO:—Só pode ser resultado dessas aulas dramáticas.

APOLIÃO:—Três moedas de ouro e seis sestércios. Minha última oferta, Majestade.

RÔMULO:—Leva mais alguns bustos. Faremos as contas a grosso modo. (Apolião sobe novamente a escada. Da esquerda se precipita o Ministro do Interior).

TÚLIO ROTUNDO:—Majestade!

RÔMULO:—Que queres novamente, Túlio Rotundo?

TÚLIO ROTUNDO:—Zeno, o Isáurico, Imperador de Roma Oriental pede asilo.

RÔMULO:—Zeno, o Isáurico ? Nem êle se acha seguro em sua Constantino-
pla ? Pobre homem!

TÚLIO ROTUNDO:—Ninguém está mais seguro nesta terra.

RÔMULO:—Onde está êle?

PÍRAMO:—Na sala de espera.

RÔMULO:—Trouxe também seu camareiro Sulfúrides Fosfórides?

TÚLIO ROTUNDO:—O único que pôde escapar com êle...

RÔMULO:—Se Sulfurides Fosfórides permanecer fora, Zeno poderá entrar. Camareiros bizantinos são insuportáveis!

TÚLIO ROTUNDO:—Muito bem , senhor Imperador.

(Pela esquerda o Imperador Zeno, o Isáurico se precipita para dentro, muito mais bem vestido que seu colega romano ocidental. O camareiro que aparece, lastimando-se, na porta, é repellido no último momento por Aquiles e Píramo).

ZENO:—Salve, nobre irmão Imperador!

RÔMULO:—Salve!

ZENO:—Salve, augusta irmã Imperatriz!

JÚLIA:—Salve, nobre irmão Imperador!

(Abraços, Zeno coloca-se em posição de um imperador de Roma Oriental, procurando asilo).

ZENO:—Ajuda, suplica, meu augusto, Senhor, Magnânimo, Invicto, Forte Imperador... (Rômulo interrompe).

RÔMULO:—Chega, Zeno, chega! Não é necessário que me recites intermináveis versos que a cerimônia bizantina exige a um Imperador que pede asilo.

ZENO:—Eu não gostaria de enganar meu camareiro.

RÔMULO:—Eu não o deixei entrar.

ZENO:—Formidável! Se o camareiro não me vê não preciso recitar a fórmula prescrita. Estou esgotado! Desde que abandonei Constantinopla precisei recitar os dois mil versos de "rogo por ajuda" umas três vezes por dia, diante de tôdas as passíveis personalidades políticas. Minha voz está arruinada...

RÔMULO:—Senta-te.

ZENO:—Obrigado. (Irrompe o camareiro grave, vestido de negro)

SULFURIDES:—Augusto Senhor!



ZENO :-Meu Deus, já está aqui!

SULFURIDES :-Imperador já recitastes os versos de lamentação e de ajuda?

ZENO :-Já, recitei Sulfurides Fosfórides. Já recitei.

SULFURIDES :-Impossível, Imperador! Não tivestes tempo para tanto. Pensai que a vossa posição e o nosso orgulho o estão exigindo. Não sois qualquer homem que foge vulgarmente, mas sois o imigrado Imperador de Grande Império Romano Oriental, portanto não tendes mais remédio que submeter-vos de bom grado as cerimônias da grande côrte bizantina. Vamos, por favor, começai agora mesmo!

RÔMULO :-Homem...entre nós...creio não é necessário.

ZENO :-Bem, mas você crê que não há outro remédio?

SULFURIDES :-Naturalmente, Imperador! O cerimonial da côrte bizantina não é somente uma equação de ordem universal, mas uma ordem mesma. Deveries saber, Imperador! Vamos, começais, procurando não ter vacilações.

ZENO :- (Pondo-se depé , com mal dissimulado fastio). Bem, pois vamos a isto!

SULFURIDES :-Não, aí não. Três passos atrás, Imperador! (Zeno obedece) Essa cara mais triste, Imperador!

ZENO :- (Pondo-se uma cara tristíssima e recitando). Ajuda, Suplica, meu Augusto Senhor, Magnânimo, Invicto, Forte Imperador, eu me aproximo de ti, buscando tua aju... (Sulfurides interrompe).

SULFURIDES :-Não, não não! Buscando tua graça, tua graça, não tua ajuda.

ZENO :- ...buscando tua graça me aproximo de ti, como a lua no céu... (Sulfurides interrompe, novamente).

SULFURIDES :-A lua não, o sol!

RÔMULO :-Píramo e Aquiles!

PÍRAMO :-Imperador!

AQUILES :-Augusto Senhor...

RÔMULO :-Botai para fora o camareiro bizantino e encerrai-o no galinheiro!

AQUILES :-Imediatamente, Imperador!

SULFURIDES :-Protesto energicamente! Solene e energicamente! (Píramo e Aquilês arremetem-se contra o camareiro bizantino aos empurrões. Píramo enchuga o suor).

ZENO :-Graças a Deus! Te asseguro que me sinto sepultado, enterrado debaixo de uma montanha de fórmulas e de regras, quando êste imbecil me acompanha. Não posso nem mover-me, nem beber, nem comer como quero. Vai pôr-me louco! Ah!...mas quando êle se afasta, sinto renascer em mim a antiga força de meu antepassado isáurico, minha velha fé mais firme que uma rocha... (súbitamente) Olha...é garantida a fechadura de teu galinheiro?

RÔMULO :-Podes estar tranquilo! Píramo, traz talheres e um quinho para Zeno!

PÍRAMO :-Só temos ainda ovo de Domiciano.

RÔMULO :-Calha muito bem para esta ocasião.



ZENO: -Pròpriamente estamos em guerra um com o outro há sete anos: sòmente o perigo dos germanos nos impediu que nossas tropas se chocassem. (Está um pouco emcabulado).

RÔMULO: -Guerra! Nem sei nada disto...

ZENO: -Mas eu te tirei a Dalmácia...

RÔMULO: -Isto me pertenceu alguma vez?

ZENO: -Coubera a ti na última partilha do Império.

RÔMULO: -Rapaz, eu não sabia disso. Cá entre nós imperadores há muito que não tenho mais visão sòbre política internacional. Por que, afinal, tiveste que deixar Constantinopla ?

ZENO: -Minha sogra Verina aliou-se aos germanos e me expulsou.

RÔMULO: -Ora, homem... eu aãtendo... são coisas de família! Com isto deverias estar muito bem com os germanos...

ZENO: -Rômulo ! (Mostra-se ofendido).

RÔMULO: -A verdade seja dita! Te aliaste com êle para destruir o teu próprio filho Imperador. É de que sei sòbre as complicadas relações do trono bizantino.

JÚLIA: -Rômulo!

ZENO: -Bah! Estas coisas, não têm importância, e o que deve preocupar-nos agora, é que os germanos inundaram os nossos impérios! Os diques estão mais ou menos rompidos! Não podemos mais marchar separadamente! Nã o podemos nos dar ao luxo de pequenas desconfianças entre os nossos impérios! É hora de salvamos nossas culturas...

RÔMULO: -Como ? Cultura é algo que se pode salvar ?

JÚLIA: -Rômulo.

(O negociante de objetos artísticos aproximou-se, nesse momento, de Imperador, tendo consigo os bustos).

APOLIÃO: - Para os dois Gracos, Pompeu, Cipião e Catão, duas moedas de ouro e oito sestércios.

RÔMULO: -Três moedas de ouro!

APOLIÃO: -Bem, mas então levo mais a Mário e a Sula. (Sobe mais uma vez a escada)

JÚLIA: -Rômulo te exijo que mandes êste mercador de antiguidades, imediatamente embora!

RÔMULO: -Impossível Júlia. A razão das galinhas ainda não foi paga.

ZENO: -Estou admirado! Parece-me que aqui nem de longe se reconheceu o tamanho perigo mundial do germanismo. (Tamborila com os dedos em cima da mesa).

JÚLIA: -A mesma coisa também digo eu.

ZENO: -Nossas cidades se entregam. Nossos soldados desertam, nossos povos não crêem mais em nós, Rômulo, precisamos reagir, lembrar-nos da antiga grandeza, chamar a César Augusto, Trajano, Constantino, às nossas memórias. Sem a fé em nossa importância política mundial, estamos perdidos.

RÔMULO: -Pois bem, acreditamos.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(Silêncio. Está sentado em atitude de crente)

ZENO :-Tu crês ? (Ele está um pouco inseguro).

RÔMULO:-Firmemente.

ZENO : - Em nossa antiga grandeza ?

RÔMULO:- Em nossa antiga grandeza.

ZENO :-Em nossa missão histórica ?

RÔMULO:-Em nossa missão histórica.

ZENO :-E tu Imperatriz Júlia ?

JÚLIA:-Sempre abreditei nisso.

(Zeno senta-se aliviado)

ZENO :-Uma sensação formidável,não é ?
(Os três estão sentados,crentes).

RÔMULO: E agora ?

ZENO : - Que queres dizer com isto ?

RÔMULO:-Estamos acreditando...

ZENO :-É o principal!

RÔMULO:-Que deve acontecer agora ?

ZENO : -Coisas sem importância.

RÔMULO:-Não devemos fazer algo no estado de ânimo em que nos encontramos ?

ZENO:- Isto vem por si.Somente precisamos encontrar uma idéia que possamos contrapor ao slogan germânico: "Pela liberdade e propriedade pessoal". Sugiro o seguinte: "Pela escravatura e por Deus"!

RÔMULO:-Não sei.Prefiro antes,o slogan mais prático e razoável.Por exemplo: "Pela criação de galinhas e agricultura".

JÚLIA:-Rômulo !

(Mares se precipita para dentro,pela esquerda. Está fora de si).

MARES:-Os germanos marcham contra Roma !

(Zeno e Júlia se erguem estarecidos).

ZENO : -Quando parte o seguinte navio para Alexandria?

RÔMULO:-Que vais fazer lá ?

ZENO : -Pedir asilo ao rei da Abissínia.Da Etiópia .Eu quero continuar a infalível luta contra os germanos.Em todo o caso preferiria cair nas mãos dos germanos do que do meu camareiro.

JÚLIA:-Rômulo,os germanos marcham contra Roma e tu estás tomando café ? (Sua Majestade se ergue magestosamente).

RÔMULO:-Oh! Querida,êste é um privilégio dos políticos.Eu te constituo,Mares, Marechal das Fôrças Imperiais.

MARES :-Salvarei Roma,Imperador! (Ajoelha-se e brande a espada)

RÔMULO:-Isto é o que me faltava! Não exageremos,não exageremos.
(Senta-se novamente).

MARES :-Só nos poderá salvar uma mobilização total. (Levanta-se decididamente).



RÔMULO: - Absolutamente! A guerra desde a descoberta do cacete já é um crime e se fazemos ainda a mobilização total ela se tornará um absurdo. Ponha a tua disposição a minha guarda pessoal de 50 homens, senhor Marechal.

MARES: - Majestade! Odoacro possui um exército de cem mil homens.

RÔMULO: - Quanto maior um general, tanto menos tropa necessita. (Mares faz continência e sai pela esquerda. Apolião, entretanto, retirou todos os bustos deixando o do meio).

APOLIÃO: - Por todos estes tarecos eu dou dez moedas de ouro.

RÔMULO: - Gostaria que falasses com mais respeito do glorioso passado de Roma, Apolião.

APOLIÃO: - A palavra "tareco" não se referê ao império nem ao seu glorioso passado, mas, a estes trastes históricos. Um busto eu deixo. Representa o rei Rômulo. (Conta o dinheiro)

RÔMULO: - Mas, enfim, o meu tocaio foi o fundador de Roma!

APOLIÃO: - Um trabalho de aluno, Majestade. (Entretanto o Imperador bizantino tornou-se nervoso)

ZENO: - Tu ainda não me apresentaste a este senhor, Rômulo.

RÔMULO: - Apolião, este é o Imperador de Roma Oriental, Zeno o Isáurico.

APOLIÃO: - Majestade! (Inclina-se friamente)

ZENO: - Prezado Apolião, visita algum dia a ilha de Patmos, que ficou fiel a mim. Possui muitos objetos gregos antigos.

APOLIÃO: - Pois, não, Majestade, como quiser.

ZENO: - Já que viajo amanhã para Alexandria eu poderia receber um pequeno adiantamento?

APOLIÃO: - Sinto muito. Por princípio não concedo adiantamentos a casas imperiais. Os tempos são turbulentos, as instituições políticas instáveis, o interesse da freqüência se afasta cada vez mais das coisas antigas clássicas e os dirigem para os objetos artísticos dos germanos, pois a arte dos primitivos está trunfa. É uma barbaridade mas sobre gosto não se discute. Posso despedir-me de vossa Majestade?

RÔMULO: - Perdoe-me Apolião. Que caíste no meio da queda do meu império.

APOLIÃO: - Não será nada Majestade. Afinal, como antiquário, é disto que eu vivo. (Inclina-se mais uma vez e sai pela esquerda. Zeno sacode pensativamente a cabeça).

ZENO: - Não sei, Rômulo, já há anos que não recebo mais crédito. Note que exercemos um cargo completamente anti-econômico. (Pela esquerda entra o Ministro da Guerra).

MARES: - Majestade.

RÔMULO: - O atleta dorme afinal?

MARES: - Não se trata de Espúrio Tito Mama, mas sim de César Ruf.

RÔMULO: - Não conheço esse homem.

MARES: - Uma personalidade importante. Escreveu uma carta a vossa Majestade.

RÔMULO: - Desde que sou imperador não leio mais, cartas. Que faz esse tipo?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
FONE 226.0242 - CEP 90020-025



MARES:- É um fabricante de calças.

RÔMULO:-De calças ?Que é isso?

MARES :-Aquela peça de roupa germânica as quais se puxa pelas pernas e q ue agora também se tornam moda entre nós.

RÔMULO : -É êle rico?

MARES :- Imensamente.

RÔMULO : -Finalmente, um homem ajuizado.

JÚLIA :- Rômulo, vais recebê-lo imediatamente.

ZENO :-Meu instinto diz qua êle nos vai salvar.

RÔMULO:-Que entre o fabricante de calças! (César Rupf entra pela esquerda. Uma figura bem gorã, ricamente vestida. Dirige-se diretamente para Zeno, pensando que êle fôsse o Imperador, o qual atrapalhado, o indica para Rômulo. César Rupf tem na mão um chapéu largo de forma classica. Inclinação rápida).

CÉSAR RUPF:- Imperador Rômulo!

RÔMULO :-Salve! Esta é minha senhora, a Imperatriz Júlia, e êsse o Imperador de Roma Oriental, Zeno o Isáurico. (César Rupf se inclina um pouco).

RÔMULO:-Que desejas de mim César Rupf?

CÉSAR RUPF:-Vamos por partes, Imperador. Quero apenas que, sabeis que minha família provém da Germânia, mas está estabelecida em Roma desde o tempo do Imperador Augusto. Aliás deveis saber, igualmente, que ninguém pôde competir conosco no ramo textil. O próprio Augusto encomendava togas, e até exportávamos para Barcelona e Sabadel. Que vos parece ?

RÔMULO:-Extraordinário! (Dá o chapéu a Zeno que o segura apatetado).

CÉSAR RUPF:-Como fabricante de calças arrisco tudo, Majestade.

RÔMULO:-Caramba! Tú és valente César Rupf.

CÉSAR RUPF:-Estou muito ciente de que os círculos conservadores de Roma estão contra as calças. Isto é intorerável, porque vai contra o progresso dos povos.

RÔMULO : -Onde começa as calças, aí termina a cultura.

CÉSAR RUPF:-Este gracejo senhor, como Imperador, pode-se naturalmente permitir. Mas, um simples homem dentro da realidade diluída, digo para mim que o futuro pertence às calças. Um Estado moderno que não veste calça vai, infalivelmente, à bancarrota. O triunfo de Roma depende de Calça César Rupf, é o meu slogan!

RÔMULO:-O que tens a me propor?

CÉSAR RUPF:-Sejamos práticos! Nada de sentimentalismos turvos... Através de mim existe um par de milhões de sestércios e atrás de vós a pura ruína.

RÔMULO:-A diferença não pode ser fomulada.

CÉSAR RUPF:-A princípio pensei simplesmente em comprar todo o Império Romano... O Imperador mal pode conter a sua alegria).

RÔMULO:-Sôbre estas coisas precisamos conversar seriamente. César

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Rupf. Em todo caso te promovo Cavaleiro. Aquiles, uma espada!

CÉSAR RUPF: -Muito agradecido, Majestade. Já comprei tôdas as outras honras e Órdens possíveis. Veja, falando sériamente, desviei-me novamente da compra. Estou contra a compra Imperador Rômulo, mas não estou contra relações.

RÔMULO: -Como é que te imaginas uma relação entre um Império e tua firma ?

CÉSAR RUPF: -Puramente orgânico. Como homem de negócios, na realidade sempre fui e sou a favor do orgânico. Pense organicamente, senão fazes bancarrota: é minha divisa. Em primeiro lugar, colocamos os germanos diante da porta.

RÔMULO: -Exatamente isto é bastante dificultoso.

CÉSAR RUPF: -Um negociante do tipo internacional não conhece a palavra "dificuldade", se êle dispõe de algum dinheirinho de bolso necessário. Odoacro declarou, por escrito, estar de acôrdo com minha oferta de, por uma soma de dez milhões limpar a Itália.

RÔMULO: -Odoacro?

CÉSAR RUPF: -O general de campo dos germanos.

RÔMULO: -Ele também é comparável ? Que imoralidade!

CÉSAR RUPF: -Todos, hoje em dia, são compráveis, majestade.

RÔMULO: -E o que exiges de mim em paga, por esta ajuda, César Rupf?

CÉSAR RUPF: -Se eu pagar dez milhões e empatar mais uns milhõesinhos no Império exijo como condição -além de as calças serem declaradas obrigatórias -a sua filha Rea como mulher minha. É claro como a luz do sol que só assim podemos consolidar orgânicamente a aliança.

RÔMULO: -Minha filha está noiva de um patricio empobrecido, que jáz há três anos nos cárceres, como prisioneiro dos germanos...

CÉSAR RUPF: -Não sejamos sentimentais, Majestade. Sou frio como gelo. Deveis conceder-me, sem pestanejar, que o Império Romano poderá ser salvo sòmente através de uma sólida união com uma firma de muita experiência. Do contrário virão os germanos, que já rondam perto de Roma numa ensurdecidora marcha de gigantes, Vós me dareis a resposta hoje à tarde. Se fôr negativa, casar-me-ei com a filha de Odoacro. A firma Rupf deve, aos poucos, pensar num herdeiro. Estou justamente na melhor idade e as tempestades da vida de comerciante fazem dos vossos combates ninharias. A gratidão para com êste grande e desmoronado Império que acolheu meus antepassados, ponderou-me de fazer-vos esta proposta. Tenho dito! (Mal e mal se inclina, arranca o chapéu das mãos de Zeno e sai pela esquerda. Os três estupefatos permaneceram à mesa e calaram).

JÚLIA: -Rômulo, fala imediatamente com Rea.

RÔMULO: -Sôbre que vou falar com Rea, querida?

JÚLIA: -Casar-se-á imediatamente com o tal de César Rupf!

RÔMULO: -O Império Romano eu vendo logo com um punhado de sestertios. Mas nem passa pela minha cabeça vender minha filha...

JÚLIA: -Rea se sacrificará espontâneamente pelo Império.

RÔMULO: -Já oferecemos tanta coisa através dos séculos ao Estado

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



que chegou a hora de o Estado se sacrificar por nós.

JÚLIA:—Rômulo!

ZENO :—Se tua filha não se casar, o mundo acabará.

RÔMULO:—Nós pereceremos. Há uma grande diferença.

ZENO :—Nós somos o mundo.

RÔMULO:—Somos provincianos, que vêem um mundo se desenvolver por sôbre suas cabeças sem conseguir compreendê-lo...

ZENO :—Um homem como tu não deveria ser imperdor de Roma!
(Bate o punho sôbre à mesa e sai pela direita. Da esquerda vem cinco serventes barrigudos).

1º SERVENTE:—Chegamos para buscar os bustos.

RÔMULO:—Ah! Sim, também a bondade. Estão aí pelas paredes, no chão. O recinto está repleto de serventes que transportam os bustos).

JÚLIA:—Rômulo. Só te interessas pelas galinhas : não recibes os mensageiros, recusa-te mobilizar a nação, não marchas contra o inimigo, não queres dar tua filha aquêle que pode salvar-nos. Que queres afinal ?

RÔMULO:—Eu não gostaria de atrapalhar a História Universal, querida Júlia!

JÚLIA:—Envergonho-me de ser tua mulher! (Sai rapidamente).

RÔMULO:—Píramo retire os talheres. Terminei minha refeição matinal. (Enchuga a bôca com o guardanapo. Píramo retira a mesa). Água, Aquiles. (Aquiles traz água. Rômulo lava as mãos. Pela porta é Espúrio Tito Mama, que se precipita).

ESPÚRIO TITO:—Senhor Imperador ! (Ajoelha-se diante dêle).

RÔMULO :—Quem és tu ?

ESPÚRIO TITO MAMA:—O Prefeito Espúrio Tito Mama.

RÔMULO :—Que queres ?

ESPÚRIO TITO MAMA:—Em dois dias e duas noites vim montado desde Pavia até aqui. Sete cavalos morreram extenuados, três flechas me feriram, e quando cheguei não me deixaram falar com o Senhor. Aqui, meu Senhor Imperador, a mensagem de seu último general de campo, Orestes, antes de êle cair nas mãos do inimigo! (Ergue os rôlos de pergaminho para Rômulo. O Imperador permanece imóvel).

RÔMULO:—Está ferido, extenuado. Por que êste desmedido esforço Espúrio Tito Mama?

ESPÚRIO TITO MAMA:+Para q ue Roma viva!

RÔMULO:—Roma já morreu há tempo. Tu te sacrificas por um morto, luta por um morto, vives por um túmulo decaído. Vai dormir, Prefeito. O tempo de hoje converteu o teu heroísmo numa empáfia. (Levanta-se magestosamente e sai pela porta dos fundos. Espúrio Tito Mama ergue-se todo transtornado, joga sùbitamente a mensagem de Orestes ao chão, pisoteia-a e grita).

ESPÚRIO TITO MAMA:— Roma tem um Imperador abominável!



IIº A T O

(Tarde daquele dia desastroso de março de 476. Parque diante da casa do Imperador. Por tôda a parte musgos, horas, inso, por tôda a parte cacarejos e qui que quis. Galinhas atravessam o palco especialmente quando alguém entra. Nos fundos, a frente de casa do campo com uma porta, meio decaída e estragada pelos galináceos. Da porta sai uma escada conduzindo ao parque. Deve se ter a impressão de um terreiro de galinhas, embora no primeiro plano, haja umas cadeiras de fino labor, que já tiveram dias melhores. Às vêzes, o recinto é inundado de fumaça que sai de uma pequena construção. Talvez se ponha à esquerda a secretaria (chancelaria) em ângulo reto com a casa. Enfim: um chocante desespero, um fim de mundo trágico, a dizer: "depois de nós o dilúvio".

Personagens-

numa cadeira, O ministro do Interior, Túlio Rotundo, numa outra o Ministro da Guerra, Mares, agora, Marechal, como sabemos, ornado completamente, dormindo, tendo uma carta da Itália aberta sôbre os joelhos, o elmo e o cetro de marechal ao lado, no chão. O escudo êste encostado na parede da casa. Espúrio Tito Mama, ainda sujo e amarrado com ligaduras, caminha a custo ao longo da parede da chancelaria. Encosta-se no muro, arrasta-se novamente, caminhando adiante).

ESPÚRIO TITO MAMA: - Estou cansado. Estou cansado. Estou morto de cansado. (Pela porta da casa de campo sai um cozinheiro, veste branca, boné alto. Vai negaciando, face às costas, entra à direita do parque. As galinhas espavoridas cacarejam)

COZINHEIRO: - Júlio Vespos, Orestes, Rômulo bibibibi... (Pela esquerda aparece Zeno o Isáurico, pára e limpa as sandálias no chão).

ZENO: - Novamente pisei num ôvo! Será que aqui só existem galinhas!

TÚLIO ROTUNDO: - Criação de galinhas é a única paixão do Imperador. (Pela direita, um mensageiro se precipita palácio a dentro).

MENSAGEIRO: - Os germanos em Roma ! Os germanos em Roma!

TÚLIO ROTUNDO: - Uma nova mensagem desastrosa. Assim vai todo dia.

ZENO : - Esperamos que o Imperador esteja rezando na capela.

TÚLIO ROTUNDO: - O Imperador dorme.

ZENO: - Então sou o único que reza?

TÚLIO ROTUNDO: - Temo que sim, Majestade.

ZENO: - Procura-se frebilmente salvar a civilização- O que é que está cheirando tanto a fumaça ?

TÚLIO ROTUNDO: - Queimamos os arquivos. (Zeno está aturdido como que "apanhado" por um trovão).

ZENO : - Voçes...queimam...os arquivos?

TÚLIO ROTUNDO: - Os documentos da arte de governar não devem cair nas mãos dos germanos.

ZENO : - Queimam-se os arquivos, como se não existessem mais esperanças e fé no futuro e numa vitória...eis, mais um ôvo! Vou rezar novamente. (Limpa as sandálias e sai pela esquerda)

ESPÚRIO TITO MAMA: - Faz horas que não durmo! Horas! (Terrível cacarejar de galinhas. Da direita aparece o cozinheiro e desaparece na casa de campo, tendo em cada mão uma galinha, uma debaixo de seus braços, com o avental sujo de sangue).



ESPÚRIO TITO MAMA:- Não posso mais ouvir êsse eterno cacarejar de galinhas! Estou casado, simplesmente, estou cansado. De Pavia até aqui num galope e ainda enorme perda de sangue.

TÚLIO ROTUNDO:- Eu sei.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Sete cavalos!

TÚLIO ROTUNDO:- Eu sei.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Três flechadas!

TÚLIO ROTUNDO:- Vá atrás da casa. Lá o cacarejar é mais fraco.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Já estive a princesa está estudando arte dramática e ao lado da piscina, o Imperador de Roma Oriental está recitando Salmos.

MARES :-Favor, silêncio! (Adormece outra vez)

TÚLIO ROTUNDO:- Não devia falar tão alto para não acordar o Marechal.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Estou incrivelmente cansado. E esta fumaça. Esta fedorenta e cáustica fumaça!

TÚLIO ROTUNDO:-Sente-se, pelo menos.

ESPÚRIO TITO MAMA:- Se me sentar, adormeço.

TÚLIO ROTUNDO:- Creio que é a coisa mais natural que pode fazer no seu cansaço.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Não quero dormir, quero vingar-me. (O marechal se levanta confuso)

MARES :-Não se pode pestanejar em paz ?Estratégia é assunto de intuição. Nada mais pernicioso a uma guerra do que o barulho irresponsável no quartel-general. (Enrola, desagastado, o mapa. À porta aparece a Imperatriz).

JÚLIA:- Ébio! Ébio! Alguém viu o mordomo-mor Ébio?

ESPÚRIO TITO MAMA:-A primeira dama.

TÚLIO ROTUNDO:-Ele não ajuda a empacotar, Majestade?

JÚLIA :-Está desaparecido desde a manhã.

TÚLIO ROTUNDO:-Então, êle já fugiu.

JÚLIA :-Típicamente germânico! (A Imperatriz desaparece novamente)

ESPÚRIO TITO MAMA:-É, na verdade, quem foge são os romanos! (Por um instante se tornou irado, cai novamente em si, contudo, para não adormecer, continua caminhando para lá e para cá).

MARES :- O tempo trabalha a nosso favor. A situação estratégica está melhorando a cada hora. Melhora de derrota em derrota. Quanto mais os germanos descem a península, tanto mais entram num beco sem saída, e nós os podemos derrotar com facilidade desde a Itália até Córsega.

ESPÚRIO TITO MAMA :-Derrube em primeiro lugar o Imperador!

MARES :-Não vamos perder. Os germanos não têm frota. Nas ilhas ~~se~~ ~~reparamos~~ inatacáveis.

ESPÚRIO TITO MAMA:-Mas nós também não temos frota! Que proveito nos trazem as ilhas ? Os germanos estarão na Itália, inepugnáveis.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARES :-Neste caso construiremos uma.

ESPURIO TITO MAMA:- Construir ? O Estado faliu!

TÚLIO ROTUNDO :-Deixemos estas preocupações para mais tarde. O problema é: como chegar até a Sicília?

MARES :-Darei ordens de trazer um navio de três mastros.

TÚLIO ROTUNDO: -De três mastros? Não podemos! Caros como são, estão além de nossas possibilidades. Desentoque um de dois mastros.

MARES :-Agora me degradaram a um corretor de navios. (Vacila pela casa de campo).

ESPURIO TITO MAMA:-Um germano me deu um tapa no crânio!

TÚLIO ROTUNDO:- Eu sei.

ESPURIO TITO MAMA:-Sete cavalos morreram por minha causa!

TÚLIO ROTUNDO:- Me parece que o senhor me contou isso.

ESPURIO TITO MAMA:-Estou cansado!

(Um formidável cacarejar. Pela esquerda entra manquejando a esfarrapada figura de Emiliano, magro e pálido, boné preto, olha em derredor).

EMILIANO:- Isso é a casa de campo do Imperador?

(O Ministro do Interior contempla, estupefato, a figura incomum).

TULIO ROTUNDO:-Quem sois vós?

EMILIANO:- Um fantasma.

TULIO ROTUNDO:-Desejas alguma coisa?

EMILIANO:- O Imperador é pai de todos nós, não é verdade?

TULIO ROTUNDO:-De cada patriota.

EMILIANO:-Eu sou um patriota. Vim de visita a minha casa paterna. (Novamente lança um olhar em derredor).

EMILIANO:- Um sujo terreiro de galinhas. Por toda parte ovos e mais ovos. Alguns já foram para debaixo de minhas solas e, nalgum lugar o Imperador roncando...

(Senta-se na cadeira de braços do marechal).

EMILIANO:- O senhor é o ministro do interior: Túlio Rotundo?

TULIO ROTUNDO:-Vós me conheceis?

EMILIANO:-Muitas vezes bebemos vinho juntos e cantamos noite a dentro.

TULIO ROTUNDO:-Não me lembro.

EMILIANO:-Também como? Pois até o império já está desmoronando de lá para cá!

ESPURIO TITO MAMA:- (Estou cansado, simplesmente morto de cansado)

TULIO ROTUNDO:-Compreendo. O senhor vem da frente de batalha. Derramou o sangue pela Pátria. Posso fazer alguma coisa pelo senhor?

EMILIANO:- Podes fazer algo contra os germanos?

TULIO ROTUNDO:- Isto, hoje, já ninguém pode. Nossa resistência calculada a longo prazo.

EMILIANO:-Então também não pode fazer nada por mim.



TÚLIO ROTUNDO:- Nossa cultura superior vencerá os germanos.

ESPÚRIO TITO MAMA:- (Estou apavoradamente cansado)

EMILIANO:- O senhor gosta de Horácio?

TÚLIO ROTUNDO:- Eu sou jurista.

EMILIANO:- Eu gostava de Horácio.

TULIO ROTUNDO:- Vós sois poeta?

EMILIANO:- Eu era.

TULIO ROTUNDO:- Então peetai novamente. O espírito vence a carne.

EMILIANO:- Lá na germânia, donde venho, os açougueiros vencem o espírito. (Renovado cacarejar. Renovado esvoaçar de galinhas. Da esquerda ao lado da casa vem Réa com Filax, ator):

RÉA : - "Vede vós, da Pátria filhos,
a mim do último caminho o andar
e do sol a última luz a ver.
E isto para nunca mais

ESPÚRIO TITO MAMA:- De modo algum posso ouvir clássicos, agora, senão adormeço logo! (Cambaleia pela esquerda para fora).

FILAX : - Continua, princesa! Mais vigor, mais drama! "Ai louco"

RÉA : - "Ai louco faze-me tu, ó Pátria!
Por que zombas de mim,
que ainda não pereceu,
que ainda está em dia e por que
a mim obrigas.
Com abominável lei,
Não chorado por entes queridos, para inaudível sepultura?
Não entre mortais, não entre mortos."

FILAX : - "Não entre mortais, não entre mortos". Respira, princesa, respire. "Não entre mortais" (outra vez)

RÉA : - "Não entre mortais, não entre mortos.
Do silêncio total o Deus
me quis vivo
Para o inferno à margem, e não para o himeneu,
ao contrário,
com a Aqueronte casada estou!"

FILAX : - Mais trágico, princesa. Mais ritmo, mais grito do interior, mais alma, senão ninguém vai sentir estes versos imorredouros... Percebe-se que a donzela ainda não possui uma idéia correta de Aqueronte, do Deus da morte. É uma pena, é uma lástima. Preste atenção: casada estou.

RÉA : - "Ao contrário com o Aqueronte casada estou".
(Emiliano se ergue e está parado diante da princesa, declamando. Esta perplexa, olha-o fixamente)

RÉA : - Que queres?

EMILIANO:- Quem és?

REA : - Eu sou Réa, a filha do Imperador.

EMILIANO:- És linda mas esqueci teu rostinho.



RÉA : -Mas nos conhecíamos?

EMILIANO : -Acho que me recordo.

RÉA : -Vens de Ravena? Brincamos juntos quando éramos crianças?

EMILIANO : Brincamos juntos quando eu era um homem.

RÉA : -Queres me dizer teu nome?

EMILIANO : -Meu nome está escrito na minha mão.

RÉA : -Mostra-me. (Ele estende a mão esquerda).

RÉA : -Oh! ela é horrível... Não posso mais vê-la! (Ela se vira).

EMILIANO : -Por isso, jamais saberás quem sou. (Esconde a mão).

RÉA : -Dá-me a mão. (Ele estende a mão)

RÉA : -O anel. O anel de Emiliano...

EMILIANO : -O anel de teu noivo...

RÉA : -Ele está morto.
(Réa olha firmemente a mão na sua).

EMILIANO : -O anel e minha mão são a mesma coisa.

RÉA : -Emiliano! Tu és Emiliano? (Ela duvida)

EMILIANO : -Era!

RÉA : -Mas não te reconheço. (Ela o olha fixamente).

EMILIANO : -Nunca mais me reconhecerás, filha do Imperador. (Param e se entre olham)

RÉA : -Três anos esperei por ti.

EMILIANO : -No cativeiro, germânico, três anos são uma eternidade e tanto tempo não se deve esperar por uma pessoa.

RÉA : -Vem para a casa de meu pai.

EMILIANO : -Os germanos vêm...

RÉA : -Nós sabemos...

EMILIANO : -Então, traze-me uma faca. (A princesa o fita estarrecida).

RÉA : -Que queres fazer Emiliano?

EMILIANO : -Acho que uma mulher pode combater com uma faca.

RÉA : -Não podemos mais combater. Não temos mais soldados.

EMILIANO : -Há ainda muita gente aqui. Mulheres, escravos, aleijados, crianças, ministros. Vai busca uma faca.

RÉA : -Mas isso é um absurdo, Emiliano. Temos que nos entregar aos germanos.

EMILIANO : -Há três anos tive que me entregar a eles e o que fizeram de mim. Vai, busca uma faca.

RÉA : -Três anos esperei por ti. Dia por dia, hora por hora, tenho medo de ti.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



EMILIANO :- "Ao contrário, com o Aqueronte casada estou". Não recitaste estes versos? Tornaram-se realidade. Vai, busca uma faca. Vai, vai! (Réa foge para dentro de casa. Emiliano corre atrás).

TÚLIO ROTUNDO :- Marco Júnio Emiliano retornou do cativeiro. Estou emocionado...

EMILIANO :- Então, para a frente de batalha. Do contrário emoção é luxo. (Da esquerda um mensageiro se precipita palácio a dentro)

MENSAGEIRO :- Os germanos marcham pela Via Ápia em direção ao sul!
Os germanos marcham pela Via Ápia em direção ao sul!

TULIO ROTUNDO :- Veja, diretamente sobre nós. (À porta da casa de campo aparece Mares).

MARES :- Impossível encontrar um navio de dois mastros.

TULIO ROTUNDO :- Mas no pôrto de Nápolis existe um.

MARES :- Foi para o lado dos germanos.

TULIO ROTUNDO :- Predisamos de um navio!

MARES :- Vou tentar com um barco de pesca. (Desaparece novamente. O Ministro do Interior está agastado).

TULIO ROTUNDO :- Tudo foi preparado para reorganizar o Império. Planejamos seguros contra acidentes para portuários e a falta de um navio põe tudo em choque!

(Da esquerda entra vacilante o prefeito, atravessa o palco).

ESPURIO TITO MAMA :- Este cheiro de fumaça. Este eterno e penetrante cheiro de fumaça.

EMILIANO :- Quem é o senhor?

CÉZAR RUPF :- Cézar Rupf, proprietário da firma internacional Rupf.

EMILIANO :- Que é que o senhor deseja?

CÉZAR RUPF :- Roma poderá ser salva, com alguns milhões. Exijo uma resposta: Sim ou não. Ou uma noiva para casar, ou o Império perecerá.

EMILIANO :- O que, afinal, está em jogo. Senhor Ministro do Interior?

TÚLIO ROTUNDO :- Odoacro pede 10 milhões para deixar a Itália. Este fabricante de calças pode pagar esta soma.

EMILIANO :- e as condições?

TÚLIO ROTUNDO :- Casar com a princesa Réa.

EMILIANO :- Busquem a princesa.

(O Ministro do Interior entra no palacete).

EMILIANO :- Terá a resposta, senhor fabricante de calças. (Da direita o Prefeito passa cambaleando para o palco).

ESPURIO TITO MAMA :- Faz horas que não durmo. Horas. Estou cansado de cair mesmo. (À porta do palacete aparecem Réa, Túlio Rotundo, Zeno, Mares, o camareiro Sulfúrides Fosfórides).

RÉA :- Chamaste-me Emiliano?
(Réa aproxima-se devagar de Emiliano).

EMILIANO :- Esperaste por mim durante três anos.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RÉA : -Três anos, dia por dia, noite por noite, hora por hora.

EMILIANO : -Tu me amas?

RÉA : -Eu te amo.

EMILIANO : -Com toda tua alma?

RÉA : -Com toda minha alma.

EMILIANO : -Farias tudo o que te pediria?

RÉA : -Tudo.

EMILIANO : -Também buscarias uma faca?

RÉA : -Buscarei uma faca, se assim quiseres.

EMILIANO : -Tão extraordinário é teu amor, filha do Imperador?

RÉA : -Meu amor por ti é imenso.

EMILIANO : -Então casa com essa enorme e redonda barriga e gera-lhe crianças. (Indica a César Rupf).

ZENO : -Finalmente um romano ocidental ajuizado!

TÚLIO ROTUNDO: -Princesa, a Pátria exige teu sacrifício!
(Todos se voltam com olhos espantados para Réa)

RÉA : -Tenho que abandonar-te?

EMILIANO : -Tens que abandonar-me.

RÉA : -Tenho que amar outro alguém?

EMILIANO : -Deves amar a aquêles que poderá salvar a tua Pátria.

RÉA : -Mas é a ti que eu amo!

EMILIANO : -Por isto mesmo eu te abandono.

RÉA : -Queres desgraçar-me, assim como tu estás desgraçada?

EMILIANO : -Nossa desgraça alimentará a Itália.

RÉA : -Não podes, se me amas, obrigar-me a isso.

EMILIANO : -Mas teu amor é imenso. Obedecerás.

RÉA : -Obedecerei.

EMILIANO : -Serás a mulher dêle.

RÉA : -Serei a mulher dêle.

EMILIANO : -Dá a tua mão a êste bem intencionado fabricante de calças.
(Réa obedece)

EMILIANO : -César Rupf conseguiste agora a mão da única filha do Imperador. O dinheiro vale alguma coisa. (César Rupf está emocionado)

CÉZAR RUPF: -Princesa creia-me: As lágrimas em meus olhos são legítimas. A firma mundial Rupf alcançou um triunfo através dêsse elo vital.
(Enormes nuvens de fumaça).

MARES : -O Império está salvo!

ZENO : -O Ocidente está assegurado!

SULFÚRIDES: -A ode da salvação. Magestade. (Zeno e o camareiro se põem a filmar)



OS DOIS :-Júbilo, oh! Bizâncio, e alegria!
A glória sobe o brilho irradia
No firmanento todo estrelado
O que temos tanto esperado
Aconteceu como por encanto.
A redenção já não merece pranto.

A VOZ DE AQUILES:-Imperador! (A fumaça vai se esvaindo. Rômulo é visível à porta, em meio a seus cortesões. Atrás d'ele Aquiles e Píramo, que leva uma cesta bastante rasa. Silêncio).

RÊA :-Meu pai!

EMILIANO :-Bemvindo "Imperador" do bom prato. Salve César das galinhas e estrategista da arte de pôr ovos. Salve, Rômulo o pequeno, como dizem os soldados...

RÔMULO :- (O fita com dureza) Emiliano.

EMILIANO :-Só tu me identificaste. Nem mesmo tua filha me reconheceu

RÔMULO :-Mas por isso, não duvides de seu amor. Só a idade tem olhos aguçados. Bemvindo sejas. (O Imperador senta-se numa cadeira de braços sob a porta).

EMILIANO :-Fugi da Germânia, Imperador de Roma. Matei os soldados. Abati cães e vim a pé até aqui. Medí a infinda distância de teu Império, passo por passo. Ó pai do mundo.

RÔMULO :-Desde que sou Imperador não saio à rua. Conta-me algo sobre meu Império, Emiliano.

EMILIANO :-Arrastei-me por cidades destruídas e através de aldeias fumegantes. Caminhei por selvas abatidas e andei por terras pisoteadas.

RÔMULO :-Adiante!

EMILIANO ::Ouvi o gritar de feridos, o gemer de prisioneiros e o relincho dos vencedores.

RÔMULO :-Imaginava exatamente isso que me contas.

EMILIANO :-Pensas assim e te dedicas às galinhas?

RÔMULO :-Rômulo, o Grande, não protege mais o seu Império.

EMILIANO :-Conheces o sofrimento de teu povo e te banqueteias?

RÔMULO :-O Imperador dá liberdade a seus súditos.

EMILIANO :-Roma está cainda e tu dormes?

RÔMULO :-O Imperador entrega o império a seus inimigos.

EMILIANO :-Conheces teus inimigos?

RÔMULO :-Conheço o meu povo.

EMILIANO :-Então aprende a conhecer teus inimigos! Porque eles Imperador do mundo me decalpearam. Estou rodeado, na tua redícula cõrte de ministros e galinhas. (Arranca o boné da cabeça e pára, escalando de maneira de que o povo não o veja).

RÊA :-Emiliano! (Ela abraça seu pai)

EMILIANO :-E tua filha vai tornar-se mulher do fabricante de calças e teu império será salvo. (O Imperador se ergue)



RÔMULO :-O Imperador não permitirá êste casamento!

CÉZAR RUPF:- Papai!

RÉA :- Vou me casar com êle, pai. Não impedirás que eu salve a minha Pátria!

RÔMULO :-Minha filha há de resignar-se a minha vontade. O Imperador sabe o que faz.

(Réa cabisbaixa vai para o palacete).

RÔMULO :-Ao nosso dever, Píramo. Traga a ração da galinha Augusto Tibério, Trajano, Adriano, Marco Aurélio, Odoacro!

(Vai espalhando ração, saindo pela direita, acompanhado por seus camareiros. Todos param imóveis).

EMILIANO :-Êste Imperador deve morrer!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IIIº ATO

(À noite dos idos de março de 476...Quarto de dormir do Imperador. À esquerda uma fileira de janelas. Nos fundos à porta, à direita a cama e uma outra porta. No meio do recinto dois divãs encostados, formando um ângulo aberto ao público. No meio entre os dois, uma mesinha de forma graciosa e artística. À esquerda e à direita, na frente dois armários embutidos. Noite. Lua cheia. O quarto está escuro. Somente as janelas desenham superfícies claras no chão e nas paredes. A porta dos fundos se abre. Píramo aparece com um candelabro de três bicos, com o qual acende um segundo ao lado da cama. Vem, então para o primeiro plano e coloca os candelabros sobre a mesa. O Imperador aparece à porta da direita, vestindo antes uma camisola meio gasta. Atrás dêle segue Aquiles).

RÔMULO :-O banho fêz-me duplamente bem após a boa janta. Hoje foi um dia patético e eu não goeto de dias assim. Para isso nada melhor que um bom banho. Eu não sou um homem trágico, Píramo.

AQUILES :-Vossa Majestade deseja a toga imperial ou o "chambre"?

RÔMULO :-Não governo mais hoje. O "chambre".

AQUILES :-Vossa Majestade deveria ainda assinar a proclamação ao povo romano.

RÔMULO :-Fica para amanhã. (Enfia-se no chambre e tira a coroa de louros)

RÔMULO :-Estou ainda com a coroa. Esqueci de tirá-la durante o banho.

(Entrega a coroa a Píramo que pindura-a sobre a cama).

RÔMULO :-Quatas fôlhas ainda tem?

PÍRAMO :-Duas.

RÔMULO :-Então teve pesadas despesas hoje. Que sorte que os arq uivos foram queimados. Aliás foi a única coisa inteligente que já fez o meu ministro do interior.

PÍRAMO :-Mas os historiadores vão queixar-se.

RÔMULO :-Bobagens, êles encontrarão fontes melhores.



RÔMULO :-Vinho,Aquiles.

AQUILES :-Vossa Majestade deseja de Palermo ou de Siracusa?

RÔMULO :-Palermo,Nos tempos atuais deve-se baber o melhor.
(Aquiles coloca uma taça diante do Imperador,na mesa.Píramo serve)
(Júlia vem dos fundos).

JÚLIA :- Quero falar contigo pela última vez.

RÔMULO :- Já estás vestida para viajar querida?

JÚLIA :- Esta noite vou para a Sicília.

RÔMULO :- O barco pesqueiro já está preparado?

JÚLIA :- Uma balsa.

RÔMULO :- Aquilo não é algo perigoso?

JÚLIA :- Permanecer aqui é mais perigoso.

RÔMULO :- Desejo-te uma boa viagem.

JÚLIA :- Talvez não nos vejamos mais.

RÔMULO :- Nunca mais nos veremos.

JÚLIA :- Estou decidida a continuar a resistência na Sicília.Por qualquer preço.

RÔMULO :- Isso é um absurdo!

JÚLIA :- És um derrotista.

RÔMULO :- Nada disso.Estou sendo sensato.Se nos defendermos nos-
sa derrota será mais sangrenta.O melhor é prender fogo de uma vez,
já que estamos perdidos.
(Silêncio)

JÚLIA :-Não queres que Réa case com Cézar Rupf?

RÔMULO :- Não!

JÚLIA :- E ir para a Sicília?

RÔMULO :- O Imperador não foge.

JÚLIA :- Isto te vai custar a cabeça.

RÔMULO :- E daí? Devo,por isso,agora agir sem cabeça?

JÚLIA :- Rômulo,já estamos casados há vinte anos.

RÔMULO :- Que queres dizer com êsse fato pavoroso?

JÚLIA :- Amamo-nos uma vez.

RÔMULO :- Sabes perfeitamente que estás mentindo, (Silêncio)

JÚLIA :- Então casate comigo só para ficares Imperador?

RÔMULO :- Claro.

JÚLIA :- Ousas dizer-me tão friamente?

RÔMULO :- Naturalmente,nunca te enganei.Nosso matrimônio foi ho-
rível.Casei contigo para tornar-me Imperador e tu casate comigo para
ser Imperatriz.(Silêncio)



JÚLIA : -Enfim precisamos um do outro.

RÔMULO : -Exato.

JÚLIA : -Por isso,deves ir comigo para a Sicília.

RÔMULO : -Não tenho mais deveres para contigo.Dei-te o que querias de mim Imperatriz.

JÚLIA : -De nada me podes sensurar.Fizemos a mesma coisa.

RÔMULO : -Não,não fizemos a mesma coisa. Entre o meu agir e o teu há uma diferença infinda.

JÚLIA : -Não vejo.

RÔMULO : -Casate comigo por causa da ambição.Tudo o que fazes é por ambição.Agora,também,por ambição não queres entregar uma guerra perdida.

JÚLIA : -Vou à Sicília porque amo a minha Pátria.

RÔMULO : -Não vejo nenhuma Pátria.Aquilo que amas é uma idéia de Estado abstrato,que te deu a possibilidade de te tornares Imperatriz. (Outra vez se calam).

JÚLIA : -Pois bem.Por que não dizer a verdade? Por que não sermos sinceros? Eu sou ambiciosa:para mim não existe outra coisa a não ser o Império.Sou bisneta de Juliano,o último grande Imperador.Sinto-me orgulhosa disso.E o que és tu? O filho de um patricio falido.Mas também és ambicioso.Ao contrário terias permanecido um eterno João Ninguém...

RÔMULO : -Não fiz isso por ambição,mas por necessidade.O que para ti era o fim,para mim era o meio.Tornei-me imperador só por convicção política.

JÚLIA : -Convicção política! Durante vinte anos de govêrno,não fizeste outra coisa se não comer,beber,dormir e criar galinhas.Atrás de ti nada mais há do que preguiça.

RÔMULO : -Certo. Nada fazer. É precisamente neste nada fazer que reside a minha perspicácia política.

JÚLIA : -Para isso não precisarias ter ficado Imperador.

RÔMULO : -Tu te enganas,querida.Folgar como civil não tem graça.

JÚLIA : -Folgar como Imperador é perigoso ao Estado.

RÔMULO : -Até que enfim disseste uma coisa certa!

JÚLIA : -Que queres dizer com isto?

RÔMULO : -Entendeste o sentido de minha folga.

JÚLIA : -É impossível por em dúvida a necessidade do Estado.

RÔMULO : -Sòmente ponho em dúvida a necessidade de nosso Estado.Tornou-se um império mundial e com isto uma instituição que permitia oficialmente o assassinio,o assalto,a pressão e incêndio à custa de outros povos.Com tudo isso eu acabei.

JÚLIA : -Não entendo porque ficaste imperador,se pensas isto império mundial-romano.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
FONE 226.0242 - CEP 90020-025



RÔMULO :-O império está de pé desde séculos só porque houveram im-
radores. Por isto não me restou outra alternativa senão tornar-me eu
mesmo imperador, para liquidar o império.

JÚLIA :-Então casate comigo só para derrubar o império romano? Não
pensaste outra coisa senão exterminar Roma?

RÔMULO :-Em nenhuma outra coisa.

JÚLIA :-Sabotaste conscientemente a salvação do império?

RÔMULO :-Conscientemente.

JÚLIA :-Fizeste o papel de cínico, de palhaço e de comilão, só para
nos atraiçoar?

RÔMULO :-Se pensas assim...

JÚLIA :-Enganaste-me!

RÔMULO :-Tu te enganaste comigo. Supondo que eu tinha de ser impera-
dor como os outros. Foi um erro de cálculo.

JÚLIA :-Teu cálculo está correto.

RÔMULO :-Roma vai "à breca".

JÚLIA :-És o traidor de Roma!

RÔMULO :-Não, eu sou o juiz de Roma. (Calam-se. A Imperatriz grita
desesperada).

JÚLIA :-Rômulo!

RÔMULO :-Vai agora para a Sicília! Não tenho mais nada a dizer-te.
(Ela sai devagar. Dos fundos entra Aquiles).

RÔMULO :-Outra.

(Aquiles sai. Réa entra pelos fundos).

RÉA :-Meu pai!

RÔMULO :-Vem, filhinha, senta-te ao meu lado. (Réa senta-se a seu lado)

RÔMULO :-O que tens a contar-me?

RÉA :-Roma está em perigo, meu pai.

RÔMULO :-É notável que todo o mundo nesta noite, quer tratar de as-
suntos políticos. Para isso é que temos a hora do almoço...

RÉA :-Mas sôbre que é que vou falar?

RÔMULO :-Daquilo que se costuma falar ao seu pai em horas noturnas.
Daquilo que está mais próximo de teu coração, filhinha.

RÉA :- Roma é o mais próximo.

RÔMULO :- Então não amas mais a Emiliano?

RÉA :- Sim, pai.

RÔMULO :- Tanto quanto o amaste antes?

RÉA :- Mais do que a minha vida.

RÔMULO :- Então fala-me de Emiliano, êle é mais importante
um império tão desmoronado e desmoralizado. (Silêncio)

RÉA :- Meu pai, deixa-me casar com Cezar Rupi.



RÔMULO : -Rupf, minha filha, é na verdade simpático, porque tem dinheiro, mas põe condições inaceitáveis.

RÊA : -Ele salvará Roma.

RÔMULO : -Justamente é isso que torna este homem terrível. Um fabricante de calças, que quer salvar o Estado Romano, deve ser louco.

RÊA : -Não existe outro caminho para salvar a Pátria.

RÔMULO : Concedo, não há outra saída. A Pátria só poderá ser salva com dinheiro, ou então está perdida. É forçoso escolher entre o catastrófico capital e a catástrofe capital. Mas não podes casar com este César Rupf, minha filha tu amas Emiliano. (Silêncio)

RÊA : -Devo abandoná-lo a serviço da Pátria.

RÔMULO : -É fácil dizer.

RÊA : -A Pátria acima de tudo.

RÔMULO : -Vê, estudaste demais as tragédias.

RÊA : -Não se deve amar a Pátria acima de todas as coisas do mundo?

RÔMULO : -Deves amar mais ao homem. Antes de tudo se deve desconfiar da Pátria. Ninguém se torna mais facilmente um assassino do que uma Pátria.

RÊA : -Mas, pai!

RÔMULO : -Sim?

RÊA : -Não posso abandonar desse modo a Pátria.

RÔMULO : -Deverás abandonar.

RÊA : -Não posso viver sem ela!

RÔMULO : -Podes viver sem o teu amado? É muito mais grandioso e difícil manter a fidelidade a um homem do que a um Estado.

RÊA : -Trata-se de uma Pátria e não de um Estado.

RÔMULO : -Pátria se chama sempre o Estado, quando este se dispõe a sair para matar homens.

RÊA : -Nosso amor incondicional engrandeceu Roma.

RÔMULO : -Mas nosso amor não deixou Roma melhor

RÊA : -És ingrato para com a Pátria.

RÔMULO : -Não, não sou como aquele pai-herói nas tragédias que ainda deseja um bom apetite ao Estado, quando este quer devorar os próprios filhos. Vai, casa-te com Emiliano! (Silêncio)

RÊA : -Pai, Emiliano me desprezou.

RÔMULO : -Se tens uma faísca de amor, volta para teu amado. Fica com ele, também quando ele te despreza, fica fiel a ele, também quando ele fôr um bandido.

RÊA : -Não adianta, se voltar ele me desprezará outra vez me desprezará.

RÔMULO : -Muito simples: volta denovo.

RÊA : -Não me ama. Ele ama Roma.



RÔMULO:-Roma perecerá e êle não terá senão o teu amor.

RÉA :-Tenho medo.

RÔMULO:-Então aprende a vencer o medo.É a única arte que precisamos dominar nos dias de hoje.Treinei-me nisto durante uma vida inteira.Exercita-te também.Vai ter com êle.

RÉA :-Sim.

RÔMULO :-Assim gosto de te ver.Vai encontrar Emiliano.Espera.Despede-te de mim.Nunca mais me verás,pois,morrerei.

RÉA :-Papai!

RÔMULO :-Os germanos me matarão.Sempre contei com essa morte.É meu segredo.

RÉA :-Meu pai!

RÔMULO :-Viverás.Vai,filhinha,vai ter com Emiliano. (Rea sai devagar. Do fundo aparece Píramo).

PÍRAMO :-Majestade.

RÔMULO :-Que queres?

PÍRAMO :-A Imperatriz foi embora.

RÔMULO :-Que bom!

PÍRAMO :-Vossa Majestade não deseja deitar-se?

RÔMULO :-Não,tenho ainda que falar com alguém.Serve-me outra taça.

PÍRAMO :-Certo Majestade. (Traz o segundo cálice).

RÔMULO :-À direita,ao lado meu.Enche-o. (Píramo serve).

RÔMULO :- Também o meu (Píramo executa)

PÍRAMO :-A garrafa de "70" já está vazia,Majestade.

RÔMULO :-Então,vai dormir. (Píramo inclina-se e sai.Rômulo está imóvel ,até que não se ouvem mais passos)

RÔMULO :-Emiliano,vem cá.Estamos sós.(Emiliano sai devagar e silencioso dos fundos,envolto num manto prêto)

RÔMULO :-Há pouco entraste pela janela.Êste cálice refletiu a tua imagem. Não queres te sentar?

EMILIANO:-Fico de pé.

RÔMULO :-Vieste tarde.É meia-noite.

EMILIANO:-Há visitas que se fazem somente à meia-noite.

RÔMULO :-Então brindemos a tua saúde.

EMILIANO:-Seja.

RÔMULO :-A tua volta à Pátria.

EMILIANO:-A saúde daquilo que acontecerá esta noite.

RÔMULO :-Ê ?

EMILIANO :-Queremos brindar à justiça,Imperador Rômulo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RÔMULO :-A justiça é algo horrível, Emiliano.

EMILIANO :-Horrível como minhas chagas.

RÔMULO :-Pois então, à justiça! (Apaga com a mão o candeeiro, só o luar ilumina a salinha).

EMILIANO :-Estamos sós. Ninguém é testemunha de nosso brinde à justiça. (Rômulo se ergue. As taças tilitam ao brinde. No mesmo instante alguém grita e de baixo do sofá do Imperador, aparece a sombra do Ministro do Interior, Túlio Rotundo).

RÔMULO :-Por Deus, Ministro do Interior, aconteceu-te alguma coisa?

TÚLIO ROTUNDO :-Vossa Majestade, pisou nos meus dedos. (Geme e sai arrastando-se, envolvido num manto negro).

RÔMULO :-Sinto muito, mas era impossível saber que estavas de baixo da mesa. Cada Ministro do Interior grita, quando se pisa na justiça tua mão sangra.

TÚLIO ROTUNDO :-Feri-me com meu punhal.

RÔMULO :-Com punhais, prezado Túlio Rotundo, deve-se ter muito cuidado. (Sai pela esquerda).

EMILIANO :-Queres chamar os camareiros, Imperador Rômulo? (Estão parados frente a frente, Emiliano hostil e decidido, Rômulo sorridente).

RÔMULO :-Para quê, Emiliano? Estão dormindo. Mas, devemos cuidar das feridas do nosso Ministro. (Vai para o armário à esquerda na frente e o abre. Está parado lá dentro, meio curvado, Zeno, o Isáurico).

RÔMULO :-Perdão, imperador de Roma Oriental. Não sabia que estavas dormindo aqui no meio armário.

ZENO :-Ah! Não é nada. Estou acostumado a isto, nesta vida tão instável, que levo desde minha fuga de Constantinopla.

RÔMULO :-Teus sacrifícios me comovem. (Zeno sai do armário, também vestindo um manto, só que é verde. Admirado olha em redor).

ZENO :-Sim há mais alguém aqui?

RÔMULO :-Não te encomodes. Todos vieram aqui por acaso. (Tira do armário embutido, numa repartição superior, um pano).

RÔMULO :-Há mais um aqui.

ZENO :-Meu camareiro Sulfurides Fosfórides. (Sulfurides desce, um sujeito muito comprido, também envolto, num manto negro, o qual se inclina solenemente diante de Rômulo, Rômulo o contempla).

RÔMULO :-Boa-noite. Poderias muito bem ter tomado o outro armário para ele, irmão imperial.

RÔMULO :-Satisfação! (Senta-se outra vez e dá o pano a Rotundo). Amarra tuas feridas, Ministro do Interior. Sangue para mim é antipático. (O armário da parede à direita abre-se como que por si mesmo e Espúrio Tito Mama sai aos tropeços e cai de comprido ao chão).

RÔMULO :-Ué! O atleta também não está, dormindo?

ESPÚRIO TITO MAMA :-Estou cansado. Estou morto de cansado. (Ergue-se cambaleando).



RÔMULO :-Perdeste teu punhal, Espúrio Tito Mama. (Espúrio Tito Mama levanta atrapalhado, o punhal e o esconde rapidamente de baixo de seu manto negro).

ESPÚRIO TITO MAMA:-Há horas que não durmo!

RÔMULO :-Se alguém mais estiver presente em algum lugar, queira ter a bondade de comparecer. (Debaixo do divã à esquerda sai Mares, acompanhado de um soldado, os dois com manto negro).

MARES :-Perdão, Imperador. Gostaria de falar sobre a mobilização geral da nação.

RÔMULO :-E a quem trouxeste para esta palestra, Marechal?

MARES :-Meu ajudante. (Então o cozinheiro sai devagarinho debaixo do sofá do imperador, com o chapéu brando, envolvido em um manto negro. Pela primeira vez o imperador está visivelmente perturbado).

RÔMULO :-Mas também tu? E com o punhal que assassinaste tantos imperadores? (O cozinheiro caminha cabisbaixo para o lado dos que estão parados em meia-lua ao redor do imperador).

RÔMULO :-Todos de negro escondidos debaixo da minha cama, em meus armários, em posições complicadas e incômodas. Para quê? (Silêncio profundo).

TÚLIO ROTUNDO:-Queremos falar contigo, Imperador de Roma.

RÔMULO :-O imperador não sabia que a cerimônia da corte prescrevia tais evoluções atléticas para aqueles que desejam falar com ele! (Levanta-se e tilinta)

RÔMULO :-Píramo! Aquiles! (Dos fundos se precipitam tremendo, em pijamas, os dois camareiros).

AQUILES :-Senhor Imperador!

PÍRAMO :-Majestade!

RÔMULO :-A toga imperial, Aquiles, a coroa imperial de louros, Píramo! (Aquiles põe a toga sobre os ombros, Píramo coloca a coroa na cabeça).

RÔMULO :-Retirai a mesa! O momento é solene. (Aquiles e Píramo inclinam-se e saem pelos fundos no meio, profundamente consternados e assustados).

RÔMULO :-O imperador está todo ouvidos. Que tendes a dizer-lhe?

TÚLIO ROTUNDO:-Reclamamos a devolução das províncias.

MARES :-Tuas legiões!

EMILIANO :-O Império! (Silêncio profundo)

RÔMULO :-O imperador não deve satisfação aos senhores!

EMILIANO :-Deveis prestar contas sobre Roma.

ZENO :-Deveis responsabilizar-vos perante a história.

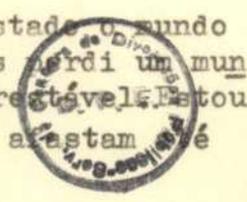
MARES :-Tu te apoiaste em nosso poder.

RÔMULO :-Não me apoio em vosso poder. Se tivesse conquistado o mundo com a vossa ajuda, estaríeis com direito em falar assim, mas perdi um mundo que não conquistaste. Dei-o como se fôsse uma moeda imprestável. Estou livre. Nada tenho a ver com os senhores. (Os conjurados se afastam para a parede)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-612



RÔMULO :- Só a um de vós eu devo contas. A êste hei de falar agora. Vem comigo, Emiliano. (Emiliano se dirige devagar da direita para êle).

RÔMULO :- Amo-te como a um filho, Emiliano. Que exigeste tu de teu imperador?

EMILIANO :- Exijo uma resposta.

RÔMULO :- Receberás esta resposta.

EMILIANO :- Que fizeste para que teu povo não caia nas mãos dos germanos?

RÔMULO :- Nada.

EMILIANO :- Que fizeste para que Roma não seja ultrajada como eu?

RÔMULO :- Nada.

EMILIANO :- E como te queres justificar? És acusado de traidor do Império.

RÔMULO :- Eu não traí o meu império. Roma traiu-se a si mesma, conhecia a verdade, mas preferiu a violência. Conhecia o sentimento da humanidade, mas preferiu a tirania. Rebaixou-se duplamente: perante si e perante outros povos. Estás diante de um trono invisível, Emiliano, diante do trono do último dos Imperadores Romanos. E, não vês neste trono montanhas de crânios, jorros de sangue, as eternas cataratas do poder romano? Que resposta esperas da história romana? Que deve dizer o imperador sobre tuas feridas, se êle reina sobre os cadáveres dos filhos estrangeiros e próprios, que se atulham a seus pés para divertimento de Roma? Roma enfraqueceu. Mas sua culpa permanente e seus crimes não se apagam. Os germanos vêm e agora devemos pagar com nosso próprio sangue. Não te afaste de minha majestade, que se ergue diante de ti, carregada com a milenar culpa de nossa história, mais terrível que teu corpo chagado. Não quiseste brindar à justiça? Responde: temos ainda direito de nos defendermos ou devemos por justiça ser as vítimas? (Emiliano cala-se)

RÔMULO :- Calas? (Emiliano volta vagarosamente para os que circundam em um grande semi-círculo).

RÔMULO :- Preferes àqueles que vieram a mim como ladrões. Sei o que escondes debaixo de vossos negros mantos. Pensáveis em agredir a um indefeso, mas agora eu salto sobre vós com as garras da verdade e agarro-vos com os dentes da justiça. Não sou o agredido. Eu vos agrido. Não sou o acusado. Eu vos acuso. Defendei-vos! Conscientemente destruí Roma que vós quereis defender. Por que estais mudos e pálidos? Só há uma resposta. Matai-me ou entregai-vos aos germanos, se julgais que tenho razão. Respondei-me. (Todos se calam)

RÔMULO :- Respondei! (Então Emiliano ergue o punhal)

EMILIANO :- Viva Roma!

(Todos empunham o punhal e avançam sobre Rômulo, que permanece sentado, imóvel e tranqüilo. Os punhais se juntam sobre êle. Nesse momento ressoa dos fundos um grito medonho e insaudito, de grande pavor! "Os germanos vêm! Tomados de pânico, todos se precipitam pelas janelas e portas. O imperador permanece imóvel. Dos fundos vêm Piramo e Aquiles, pálidos de pavor).
Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

RÔMULO :-Onde estão os germanos?

PÍRAMO :- Em Nola, Majestade.

RÔMULO :- Por que gritas assim ? Apenas amanhã estarão aqui.
Quero dormir agora. (Ergue-se).

PÍRAMO :-Muito bem, Majestade. (Tira-lhe a toga imperial, a coroa de louro e o chambre. Rômulo vai para a cama. Pára).

RÔMULO :-Mais um está deitado diante da minha cama, Aquiles.
(O servente ilumina com o candeeiro).

AQUILES :-É Espúrio Tito Mama, Majestade. Está roncando.

RÔMULO :-Graças a Deus, finalmente o atleta dorme. Deixa-o dormir.
(Vai por cima dêle para a cama. Píramo apaga as luzes do candeeiro e sai com Aquiles no escuro.

RÔMULO :-Píramo!

PÍRAMO :-Sim, meu Imperador?

RÔMULO :-Os germanos, deixa-os entrar, quando chegarem.

IV ATO

A manhã que segue os idos de março de 476. A sala de trabalho do imperador, como no primeiro ato. Sómente o busto do fundador de Roma, rei Rômulo, se encontra à parede sôbre a porta dos fundos. Os poucos móveis são gastos. Os bons foram transportados. Ao lado da porta estão postados Aquiles e Píramo, esperando o imperador.

AQUILES :-É uma bela e fresca manhã.

PÍRAMO :-Não posso entender que neste dia de môfo, o sol ainda tenha saído.

AQUILES :-Nem na natureza se pode mais confiar. (Silêncio)

PÍRAMO :-Durante sessenta anos servimos, sob onze imperadores ao Estado. Històricamente acho impossível que ainda em nossa vida deixe de existir.

AQUILES :-Com os inocentes lavo as minhas mãos. Sempre fui um camareiro ideal e perfeito.

PÍRAMO :-Em todos os sentidos nós fomos realmente as únicas colunas estáveis do Império.

AQUILES :-Se renunciarmos poder-se-á dizer com razão que terminou a era clássica! (Silêncio).

PÍRAMO :-Pensar que vem um tempo, no qual não se fala mais o latim, nem grego, senão línguas impossíveis como o tal do germano!

AQUILES :-Imaginar que caciques germanos, chineses e africanos tomam as rédeas da política mundial em suas mãos, dos quais a cultura não comporta nem a milésima parte da nossa! "Árma virim". Eu sei todo o Virgílio decor.

PÍRAMO :-"Ménin écide théa". Eu sei todo o Homero!

AQUILES :- De qualquer modo o tempo que começa agora, deverá ser espantoso!



PÍRAMO :-Uma idade média daquelas...Sem querer ser pessimista: es-tástrofe de hoje,a humanidade se recuperará jamais.
(Rômulo entra vestido com a toga imperial.Na cabeça a coroa de lou-ros).

AQUILES E PÍRAMO:-Salve César!

RÔMULO :-Salve! Atrasei-me. O inesperado acúmulo de audiências me extenuou. De tanto sono,mal pude saltar por cima do atleta,que ain-da dorme diante de minha cama.Na última noite,governei mais que nos vinte anos de governo juntos.

AQUILES :-Por certo,Majestade.

RÔMULO :-Reina um silêncio tão notável.Tão deserto.Tudo como que abandonado... (Silêncio)

RÔMULO :-Onde está minha filha Réa? (Silêncio)

AQUILES :-A princesa...

PÍRAMO :-E Emiliano...

AQUILES :-E a Imperatriz...

PÍRAMO :-O Ministro do Interior,o Marechal,o cozinheiro e os outros... (Silêncio)

RÔMULO :-E ?

AQUILES :-Afogaram na viagem para a Sicília...O mar os levou.

PÍRAMO :-Um pescador trouxe a notícia.

AQUILES :-Sòmente Zeno o Isáurico com seu camareiro se puderam sal-var num navio com rota para Alexandria. (Silêncio. O Imperdor per-manece calado).

RÔMULO :-Minha filha Réa e meu filho Emiliano. (Contempla os dois cameiros)

RÔMULO :-Não vejo lágrimas em vossos olhos.

AQUILES :-Somos velhos.

RÔMULO :-E eu preciso morrer.Os germanos matar-me-ão.Ainda hoje. Nenhuma dor mais me atingirá.Quem deve morrer em breve,não chora mais pelos seus mortos.Nunca estive tão tranqüilo,nunca estive tão disposto como hoje,agora que tudo passou.A refeição da manhã!

PÍRAMO :-A merenda.

AQUILES :-Mas os germanos,Majestade,os germanos poderão a cada momen-to...

PÍRAMO :-E em vista do luto do Império.

RÔMULO :-Bobagem! Não existe mais império.Eu mesmo quero morrer assim como vivi.

PÍRAMO :-Muito certo,Imperador. (Senta-se na cadeira de braços,no meio,na frente.Píramo traz uma mesinha na qual se acha o consumo para o Imperador. O Imperador examina pensativamente os talheres).

RÔMULO :-Por que trazeis para minha última refeição matinal um pre-to todo gasto de latão e esta semi-quebrada taça?

PÍRAMO :-A imperatriz levou consigo o jôgo imperial.Pertencia ao



pai dela.

AQUILES:-Jaz agora no fundo do mar.

RÔMULO :-Não faz mal.Para o meu banquete de despedida êstes talheres assentam melhor. (Quebra um ôvo)

RÔMULO :-Augusto,naturalmente,não botou outro ôvo. (Píramo olha suplicante para Aquiles)

PÍRAMO :-Nada,meu Imperador.

RÔMULO :-Tibério?

PÍRAMO :-Os Júlios,nada.

RÔMULO :-Os Flávios?

PÍRAMO :-Domiciano.Mas dessa Vossa Majestade não deseja comer absolutamente nada.

RÔMULO :-De quem é êsse ôvo?
(Está comendo servindo-se de uma colherinha)

PÍRAMO :-Como sempre,de Marco Aurélio.

RÔMULO :-Mais alguém botou ôvo?

PÍRAMO :-Odoacro.
(Mostra-se um pouco envergonhado)

RÔMULO :-Vejam

PÍRAMO :-Três ovos,Majestade.

RÔMULO :-Prestem atenção: a galinha vai bater o recordê hoje.
(Sua Majestade bebe leite)

RÔMULO :-Vocês estão muito solenes hoje.

AQUILES :-Durante vinte anos já servimos Vossa Majestade.

PÍRAMO :- E quarenta anos predecessores de Vossa Majestade.

AQUILES :- Durante sessenta anos tomamos por sôbre nós a mais amarga pobreza para servir ao Império.

PÍRAMO :-Um simples carroceiro é melhor pago que um camareiro imperial. Isto deve ser dito alguma vez,Majestade!

RÔMULO :-Concedo.Também deveis considerar que um carroceiro ganha mais que um imperador. (Píramo lança um olhar suplicante a Aquiles).

AQUILES:- O fabricante César Ruff nos ofereceu uma vaga de camareiro na casa dêle,em Roma.

PÍRAMO :-Quatro mil sestércios por ano e três tardes livres por semana.

AQUILES :-Um pôsto,onde teríamos tempo de escrever as nossas memórias.

RÔMULO :-As condições são fantásticas.Sois livres. (Toma a coroa de louros de sua cabeça e dá para cada um uma fôlha).

RÔMULO :-As últimas duas fôlhas de minha coroa delouro. A minha última transação financeira no meu govêrno...
(ouve-se gritos de guerra)

RÔMULO :-Que barulho é êsse?

AQUILES:-Os germanos,Majestade! Os germanos vieram!



PÍRAMO :-Vossa Majestade talvez deseje a espada imperial?

RÔMULO :-Ela ainda não foi transportada? (Píramo olha súplice para Aquiles).

AQUILES :-Está enferrujada e as pedras preciosas imperiais Vossa Majestade mesmo tirou.

PÍRAMO :-Posso buscá-la?

RÔMULO :-Espadas reais, meu caro Píramo, deixa-se melhor no seu canto.

PÍRAMO :-Vossa Majestade está servido?

RÔMULO :-Mais um pouco de vinho de aspargo. (Píramo tremendo serve-o)

RÔMULO :-Podes ir. O Imperador não precisa mais de vocês. Vocês foram camareiros excelentes.

(Os dois saem timidamente. O Imperador bebe um copinho de vinho. De trás vem um germano. Movimenta-se despreocupadamente. Está à vontade e tem além das calças, nada de bárbaro. Fica mirando o recinto, como se passasse por um museu. De vez em quando tãma nota em um diário, que tira de uma bolsa de couro. Está vestido de calças, um sobretudo leve, um largo chapéu de viagem, nada de bélico, exceto uma espada, que porta na cintura. O germano encherça por acaso, entre outras coisas o imperador. Os dois se contemplam admirados).

O GERMANO :-Um romano!

RÔMULO :-Salve!
(Olha-o desconfiado)

RÔMULO :-És um germano verdadeiro?

O GERMANO :-De antiguíssima descendência.

RÔMULO :-Não compreendo. Tácito descreve vocês como homens de olhos insolentes e azuis, com cabelo vermelho-louros e de corpos gigantes e bárbaros. Tomar-te-ia antes como um botânico bizantini disfarçado.

O GERMANO :-Também pensei que os romanos fossem bem diferentes. Sempre ouvi de sua valentia e, agora, és o único que não deu no pé.

RÔMULO :-Francamente, temos uma imagem falsa das raças. Isto são certamente calças que tens aí nas pernas.

O GERMANO :-Por certo que sim.

RÔMULO :-É de fato, uma vestimenta notável. Como é que as abotoas?

O GERMANO :-Na frente.

RÔMULO :- Como é que as prende no corpo?

O GERMANO :- Com suspensórios.

RÔMULO :- Eu poderia ver êsses suspensórios? Não me posso imaginar uma coisa dessas.

O GERMANO :-Pois não... (O germano dá a espada a Rômulo e desabotoa o sobretudo.)

O GERMANO :-Os suspensórios são uma descoberta em consequência da qual não há mais problemas técnicos para as calças.
(Vira-se)

RÔMULO :-Prático. (Devolve-lhe a espada)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RÔMULO :-Tua espada.

O GERMANO:-Muito obrigado.O que é que estás bebendo?

RÔMULO :-Vinho de aspargo.

O GERMANO:-Posso experimentar? (Bebe,se sacode todo)

O GERMANO:-Impossível.Esta bebida não permanecerá por muito tempo. Cerveja é melhor.Além disso devo dar-te os parabens pela Vênus,lá na piscina de teu parque.

RÔMULO :-É algo de especial?

O GERMANO:-Uma autêntica Traxites.

RÔMULO :-Que azar sempre pensei que fôsse uma insignificante cópia e agora,o comprador de antiguidades já foi embora!

O GERMANO:-Com licença.

(Senta-se examina a casca vazia do ovo)

O GERMANO:-Nã o está mau.

RÔMULO :-És criador de galinhas?

O GERMANO:-Um apaixonado.

RÔMULO :-Interessante! Eu também sou criador de galinhas!

O GERMANO:-Eu também!

(Fixam-se)

O GERMANO:-As galinhas,no parque,são tuas?

RÔMULO :-Importadas da Gália.

O GERMANO:-Põem ovos?

RÔMULO :-Duvidas?

O GERMANO:-Sê sincero.A calcular pelo ovo regular.

RÔMULO :-Bem,sempre põe menos ovos.Preocupam-me.Não sei se é por causa da ração. Só uma galinha está realmente em forma.

O GERMANO:-A cinzenta,com manchinhas amarelas?

RÔMULO :-Como tu chegaste a isto?

O GERMANO:-Porque fui eu que permiti levar êste animal para a Itália.Quís saber como ela se comportaria no clima sulino.

RÔMULO :-Só te posso congratular,uma ótima raça caseira.

O GERMANO:-Minha criação própria.

RÔMULO :-Parece ser um criador de galinhas de estilos

O GERMANO:-Como chefe da nação,eu finalmente precisei interessar-me e ocupar-me com isso.

RÔMULO :-Como chefe da nação? Quem és,afinal?

O GERMANO:-Eu sou Odoacro,o Pincipe dos germanos.

RÔMULO :-Prazer em conhecer-te.

ODOACRO :-E tu?

RÔMULO :-Eu sou o Imperador de Roma.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ODOACRO :-Alegra-me igualmente em conhecer-te. Em verdade, sabia logo quem eu tinha diante de mim.

RÔMULO : :Tu sabias?

ODOACRO:-Perdoe-me o disfarce. É algo encabulado para dois inimigos que se encontram de repente, frente a frente. Mantive, então uma conversa sobre criação de galinhas em primeiro lugar: assunto mais útil do que política.

RÔMULO :-Perdo-o te. (Silêncio) (O Imperador limpa a bôca com o guardanapo, ergae-se)

RÔMULO :-Encontras-me preparado, para morrer.

ODOACRO :-Preparado para quê?

ODOACRO :-Tu esperas a tua morte?

RÔMULO : -É universalmente conhecido como os germanos tratam os seus prisioneiros.

ODOACRO :-Pensas tão superficialmente dos teus inimigos, que divulgas conforme o critério universal, Imperador Rômulo?

RÔMULO :-Que outros propósitos poderia ter senão a minha morte?

ODOACRO:-Verás. Sobrinho? (Dos fundos aparece um jovem brutalmente encoraçado, não "wagueriano" mas pré-histórico, numa mão o elmo, na outra a machadinha de verdugo).

SOBRINHO:-Sim, tio?

ODOACRO :-Faze reverência perante o Imperador de Roma, sobrinho.

SOBRINHO:-Sim, tio.

ODOACRO :-Ajoelha-te perante o Imperador de Roma.

SOBRINHO:-Sim, tio.

RÔMULO :-Que significa isto?

ODOACRO:-Levanta-te, sobrinho.

SOBRINHO:-Sim, tio.

ODOACRO :-Sai agora, sobrinho.
(Sai)

RÔMULO :-Não entendo.

ODOACRO:-Não vim para matar-te, Imperador de Roma. Vim para submeter-me a ti com todo o meu povo. (Odoacro também se ajoelha, Rômulo está mortalmente assustado)

RÔMULO :-Isto é uma loucura!

ODOACRO:-Também um germano pode deixar-se guiar pela razão, Imperador de Roma.

RÔMULO :-Estás zombando. (Odoacro levanta-se)

ODOACRO :-Rômulo, conversamos sensatamente sobre criações de galinhas. Não seria possível conversar, sensatamente sobre os nossos ovos?

RÔMULO :-Fala (Os dois se sentam. Rômulo sombrio, Odoacro contemplado atenciosamente a Rômulo).

ODOACRO :-Viste o meu sobrinho. Chama-se Teodorico.



RÔMULO :--Certo.

ODOACRO :--Um moço jovem e cortês. Sim, prezado tio; sim, prezado tio, assim vai todo o dia. Seu comportamento é irrepreensível. Contamina o meu povo com sua conduta. Não toca em guria, só bebe água, dorme no chão. Todos os dias se exercita com armas; mesmo neste instante enquanto espera na anti-sala estará fazendo ginástica.

RÔMULO :--É um herói.

ODOACRO :--Representa o ideal dos germanos. Sonha com a conquista do mundo e meu povo sonha com êle. Eu tive que empreender esta campanha. Eu estava só em confronto com meu sobrinho, com os poetas, com a opinião pública e fui obrigado a ceder. Espero conduzir a guerra humanamente. A resistência dos romanos foi pequena, mas quanto mais eu me aproximava do sul, tanto maior foram as atrocidades do meu exército, não porque eram mais brutais do que os outros exércitos, mas porque cada guerra é bestial. Eu estava estarecido. Tentei interromper a campanha. Estou disposto a aceitar a soma de um fabricante de calças. Os meus generais ainda são compráveis. Ainda poderia talvez, dirigir as coisas conforme minha vontade. Pois, em breve, não poderei mais, porque, então, definitivamente, teremos sido um povo herói. Salva-me Rômulo, és a minha única esperança.

RÔMULO :--De que?

ODOACRO :--De escapar com vida.

RÔMULO :--Estás ameaçado?

ODOACRO :--Ainda é um homem cortês, mas um dia, em poucos anos, matar-me-á. Conheço a fidelidade germânica.

RÔMULO :--É por causa disso te queres submeter a mim?

ODOACRO :--Durante a vida inteira procurei a verdadeira grandeza do homem. Não a grandeza do meu sobrinho que um dia será chamado de Teodorico, O Grande. Eu conheço os historiadores: sou um agricultor e odeio a guerra. Procuro uma humanidade que não pude encontrar nas matas virgens da Germânia. Encontrei-a em ti Rômulo. Teu mordomo-mor Ébio te prescrutou.

RÔMULO : Ébio esteve em minha côrte por tua ordem?

ODOACRO :--Era um espião. Mas informou-me coisas boas. Falou-me de um homem verdadeiro, de um homem justo, Rômulo.

RÔMULO :--Informou-te a respeito de um louco, Odoacro. Fixei tôda a minha vida no dia em que o Império Romano havia de cair. Outorguei-me o direito de ser o juiz da cidade de Roma porque estava preparado para morrer. Exigia de minha nação um grande sacrifício porque me coloquei, eu mesmo, como vítima. Deixei correr o sangue do meu povo enquanto o desarmava, porque eu mesmo quis derramar o meu sangue e agora eu devo viver. O meu sacrifício não é aceito. Agora devo representar aquêle que queria salvar-se a si mesmo. Não só isso. Antes que chegasses recebi a notícia que minha filha, a quem amo, pereceu com seu noivo. Juntamente, com minha mulher e a côrte. Supertei essa notícia porque acreditava ser morto. Agora, porém, ela me atinge brutalmente. Tudo fiz tornou-se absurdo. (Silêncio)

ODOACRO :--Vence tua tristeza e luta, e aceita a minha submissão.

RÔMULO :-- Tens mêdo. Vence teu temor e mata-me. (Silêncio)



ODOACRO :-Pensaste em teu povo, Rômulo, agora tens obrigação de pensar em teus inimigos. Se não aceitas a minha submissão, se não presidimos em conjunto, o meu sobrinho ganhará o mundo e uma segunda Roma há de surgir: Um Império Mundial Germano, do mesmo modo, passageiro como o Romano; da mesma maneira sangrenta. A ruína de Roma, tua obra teria sido sem sentido, se tal acontecer. Não podes escapar de tua grandeza, Rômulo, és o único homem que entende governar o mundo. Tem piedade! Aceita minha submissão. Torna-te nosso imperador. Preserva-nos da sangrenta franqueza de Teodorico.
(Ajoelha-se).

RÔMULO :-Não posso mais, germano. Mesmo se quisesse. Arrebataste-me das mãos a legitimidade de agir.

ODOACRO :- Tua última palavra?
(Rômulo também ajoelha-se, de um modo que estão ajoelhados visà vis).

RÔMULO :-Mata-me! Peço-te de joelhos.

ODOACRO :-Não te posso forçar a ajudarnos. A desgraça aconteceu. Mas eu também não te posso matar. Porque te estimo.

RÔMULO :-Levantemo-nos.

ODOACRO :-Levantemo-nos.

RÔMULO :-Se não queres me matar, então há ainda uma solução. O único homem que intenta matar-me, dorme diante de minha cama. Vou acordá-lo. (Levanta-se da mesma forma Odoacro).

ODOACRO :-Isto não é solução, Rômulo. Estás confuso. Tua morte seria sem sentido, pois, só poderia ter sentido se o mundo fôsse assim, como tu imaginaste. O mundo não é assim. Também o teu inimigo é um homem que quer agir corretamente como tu. Deves resignar-te com teu destino. Outra coisa não haverá. (Silêncio)

RÔMULO :-Sentemo-nos outra vez.

ODOACRO :-Não nos resta outra coisa.

RÔMULO :-Que pretendes comigo?

ODOACRO :-Vou te pensionar.

RÔMULO :-Pensionar-me?

ODOACRO :-A única saída que ainda temos. (Silêncio)

RÔMULO :-O pensionato é a coisa mais horrível me pode tocar.

ODOACRO :-Não te esqueças que eu também estou diante da coisa mais terrível. Tu deverás proclamar-me rei da Itália. Será o começo do meu fim, se não agir agora. Deverei, querendo ou não, começar o meu reinado com um assassinato. (Puxa o seu gládio e quer ir pela direita).

RÔMULO :-Que queres fazer?

ODOACRO :-Matar meu sobrinho. Ainda estou mais forte do que êle.

RÔMULO :-Agora estás confuso, Odoacro. Se matares teu sobrinho, aparecerão milhares de outros Teodoricos. Teu povo pensa diferente de ti. Quer o heroísmo. Não podes mudar isto. (Silêncio).

ODOACRO :-Sentemo-nos outra vez. (Sentam-se outra vez)

RÔMULO :-Estimado Odoacro, quis desbancar o destino e evitar o teu... É nosso destino, agora, representar os políticos sen-



satos. Pensamos em poder deixar cair o mundo de nossas mãos, tu, tua germânia, e eu, minha Roma. Temos que não deixar cair e haveremos, agora, com as ruínas. Arruinei Roma porque me espantava o seu destino. Deixemo-nos determinar por dois fantasmas, pois não temos poder sobre o que passou e sobre o que há de vir. Somente temos poder sobre o presente, no qual não tínhamos pensado e do qual, agora, ambos estamos desistindo. Eu tenho que viver doravante no pensionato, tendo na consciência uma filha que amava, um filho, uma esposa e muitos inlizes.

ODOACRO :-Terei que governar.

RÔMULO :-A realidade corrigiu as nossas idéias.

ODOACRO :-Do modo mais amargo.

RÔMULO :-Suportemos, pois, o mais amargo. Tenta pôr sentido no absurdo, nos poucos anos te restam, de governar fielmente o mundo. Dá paz aos germanos. À tua tarefa Príncipe dos germanos! Domina! Haverá alguns anos que a história universal esquecerá, porque serão anos não heróicos, mas contarão entre os anos mais felizes desta terra tresloucada.

ODOACRO :-Então terei que morrer.

RÔMULO :-Consola-te. Teu sobrinho também matar-me-á a mim. Nunca há de perdoar ter que se ajoelhar diante de mim.

ODOACRO :-Vamos, pois, aos nossos tristes deveres.

RÔMULO :-Façamos rapidamente, a comédia, pela última vez. Façamos de conta que os problemas surgem aqui, que o espírito vence a matéria.

ODOACRO :-Sobrinho! (Pela direita vem o sobrinho).

SOBRINHO :-Sim, prezado tio.

ODOACRO :-Chama os principais chefes, sobrinho.

SOBRINHO :-Certo, prezado tio. (Dá um sinal com a machadinha de verdugo. O recinto se enche de germanos cansados e sujos da longa viagem. Vestes de linho de um só tom, sobre estas couraças, elmos simples, que tapam a cara, machadinhas, como um todo se parecem como uma maça ameaçadoras de algozes. Odoacro se ergue).

ODOACRO :-Germanos! Empoeirados e cansados da longa viagem, tostados pelo sol, terminastes a vossa campanha bélica. Estão diante do Imperador de Roma. Apresentai as honras. (Os germanos saúdam com as machadinhas).

ODOACRO :-Germanos! Riste-vos dêste homem e troçastes dêle em vossas conções, que contáveis pelas estradas ou de noite ao redor do fogo no acampamento. Mas cheguei a conhecer a sua humanidade. Nunca vi um grande homem assim e nunca vereis na maior, quem quer que sejam meu sucessor. Tem a palavra, Imperador de Roma.

RÔMULO :-O Imperador desmantela o seu império. Vêde mais uma vez essas esferas coloridas, êste sonho de grande império, que balança no espaço livre, impulsionado por um leve sôpro de meus lábios, estas terras esparramadas ao redor dos mares azuis com seus rios dançantes, estas ricas províncias, amarelas de searas, estas cidades quais formigueiros, borbulhantes de vida, um sol que esquentava os homens, e, quando estava alto, queimou o mundo para nascer agora, o presente, mas do Imperador uma delicada esfera. (Silêncio respeitoso. Os germanos fitam

admirados o Imperador, que se ergue).

RÔMULO :- Nomeio ao chefe de campo dos germanos, Odoacro, Rei da Itália.

OS GERMANOS :- Viva o Rei da Itália!

ODOACRO :- Eu porém, indico ao Imperador de Roma o palacete de Lúculo na campanha. Além disso receberás uma pensão de seis mil sestércios em ouro, por ano.

RÔMULO :- Os anos de fome imperial passaram. Tirai da parede o busto do rei que como eu, se chamava Rômulo, que fundou Roma, e que eu nesse momento liquido! (Um germano trás um busto).

RÔMULO :- Muito obrigado. (Toma o busto por debaixo dos braços).

RÔMULO :- Eu vou te deixar, Príncipe dos Germanos. Vou para o pensionato. (Os germanos põem-se em posição de sentidos. Dos fundos se precipita Espúrio Tito Mama para dentro, com uma espada desembainhada nas mãos).

ESPÚRIO TITO MAMA :- Peguem o Imperador! Quero matá-lo!
(O Rei da Itália vai ao encontro de Espúrio Tito Mama, com dignidade).

ODOACRO :- Deixe a tua espada, Prefeito. Não existe mais imperador?

ESPÚRIO TITO MAMA :- O Império?

ODOACRO :- Dissolvido.

ESPÚRIO TITO MAMA :- Neste caso o último oficial da côrte imperial "dormiu nas palhas" quando foi decretada a falência da sua Pátria! (Espúrio Tito Mama cai, transtornado).

RÔMULO :- Com isto meus senhores, o Império Romano deixou de existir. (O Imperador sai de cabeça baixa, o busto debaixo do braço. Os germanos estão parados com respeito.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

